

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO RIO
GRANDE DO NORTE – IFRN

BRUNA RAYANE DA SILVA LOURENÇO

**IDENTIDADE E MEMÓRIA: O OLHAR DOS MORADORES E FREQUENTADORES
FRENTE AO CENTRO HISTÓRICO DE NATAL/RN**

NATAL/RN

2023

BRUNA RAYANE DA SILVA LOURENÇO

**IDENTIDADE E MEMÓRIA: O OLHAR DOS MORADORES E FREQUENTADORES
FRENTE AO CENTRO HISTÓRICO DE NATAL/RN**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Licenciatura em
Geografia do Instituto Federal de
Educação, Ciência e Tecnologia do Rio
Grande do Norte, em cumprimento às
exigências legais como requisito parcial à
obtenção do título de Licenciada em
Geografia

Orientadora: Dr.^a Maria Cristina Cavalcanti
Araujo

NATAL/RN

2023

Lourenço, Bruna Rayane da Silva.
L892i Identidade e memória : o olhar dos moradores e frequentadores
frente ao centro histórico de Natal/RN / Bruna Rayane da Silva
Lourenço. – 2023.
72 f. : il. color.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Instituto Federal
de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte, Natal,
2023.

Orientadora: Maria Cristina Cavalcanti Araújo.

1. Patrimônio cultural. 2. Centro histórico – Mapeamento. 3.
Identidade e Memória. I. Título.

CDU: 351.711

BRUNA RAYANE DA SILVA LOURENÇO

**IDENTIDADE E MEMÓRIA: O OLHAR DOS MORADORES E FREQUENTADORES
FRENTE AO CENTRO HISTÓRICO DE NATAL/RN**

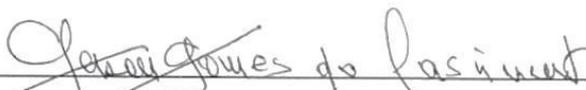
Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso Licenciatura em Geografia do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte, em cumprimento às exigências legais como requisito parcial à obtenção do título de Licenciada em Geografia

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado (a) em 31/04/23 pela seguinte Banca Examinadora:



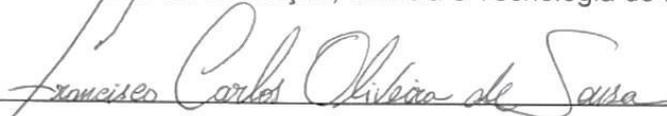
Prof. Dra. Maria Cristina Cavalcanti Araújo – Orientadora

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte



Prof. Dr. Gerson Gomes do Nascimento

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte



Prof. Dr. Francisco Carlos Oliveira de Sousa

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte

Dedico este trabalho aos meus pais, dona Edna e seu Batista, que batalharam como heróis para que eu tivesse acesso a uma educação pública, gratuita e de qualidade.

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, dona Edna e seu Batista, por estarem presentes em todos os momentos da minha vida; apesar das dificuldades de se criar cinco filhos em um país onde a desigualdade e as injustiças sociais imperam, os senhores o fizeram. Vocês sempre me falaram que somente a educação salva e ela, de fato, me salvou. Obrigada. Eu amo vocês, tenho muito orgulho de ser fruto desse amor.

Às minhas irmãs Larissa, Carol, Nayara e ao meu irmão Felipe – cada um de vocês, à sua maneira, me ensinou e me deu forças e ânimo para sempre alçar voos mais altos.

Ao meu amor, Jerônimo, por todo o companheirismo e a parceria dos últimos quase quatro anos, por ser força e me incentivar a ter coragem e não duvidar de quem eu sou, tampouco do meu potencial.

Aos meus colegas de faculdade pela parceria de quatro anos, em especial à Danilla, Gracy, Eduarda e Jayce, por terem sido minhas fiéis companheiras e grandes amigas durante a graduação, dividindo as alegrias, os medos, os sonhos e a coragem de ir sempre além. Eu amo muito vocês, sou grata por tê-las comigo sempre.

Aos meus amigos Aline e Lucas, da Escola Estadual Professor Anísio Teixeira. Com vocês eu vivi os longos anos do ensino médio, sonhamos juntos e crescemos. Obrigada por sempre estar ao meu lado, essa amizade é muito singela e eu os amo incondicionalmente. Obrigada!

A minha amiga Terezinha, que me acompanhou até aqui, incentivando, aconselhando e apoiando; obrigada por tudo, você é gigante e eu aprendi tanta coisa que guardarei para sempre.

A todo o corpo docente da Licenciatura em Geografia por tantos ensinamentos ao longo desses quatro anos, por me apresentarem um universo de possibilidades e saberes que ajudaram no meu processo de formação profissional e pessoal.

Aos meus eternos amigos do Museu de Minérios, esse lugar foi minha primeira casa dentro do IF, aprendi muito com cada um de vocês. À professora Narla por ter aberto as portas de um mundo lindo que foi a extensão logo no início da minha graduação. Nos projetos aprendi diariamente o significado e o prazer de se estar em sala de aula, Narla; levo seus ensinamentos no coração. Obrigada por tanto.

À minha orientadora, professora Cristina, obrigada por toda a paciência e aprendizado, a senhora foi e é uma grande incentivadora. Obrigada por se importar e

cuidar de mim para além de uma mera professora – a senhora se tornou uma amiga. Inspiração, força e coragem são sinônimos de Maria Cristina.

No mais, serei eternamente grata às políticas sociais dos governos do presidente Lula e da ex-presidente Dilma por permitirem que uma jovem como eu, vinda de uma família humilde, filha de um vigilante e de uma babá, conseguisse ser a primeira da família a ingressar, permanecer e se formar em uma instituição pública de ensino. Lembremos sempre que os poderosos podem matar uma, duas ou três flores, mas jamais conseguirão deter a chegada da primavera.

Viva a educação!!!

É a morte soberana, o lodo nivelando,
O tempo demolindo, e o tempo edificando.
Falemos do painel das tintas desbotadas...
Quantos vestígios mil de coisas acabadas
(ITAJUBÁ, 1965)

RESUMO

O centro histórico de uma cidade se configura como o primeiro núcleo urbano de ocupação de uma dada localidade, sendo, portanto, espaços que passaram por um processo de declínio de suas atividades com o passar dos tempos, restando a esses ambientes a função de contar, recontar e manter viva a memória das cidades. O centro histórico de Natal, capital do estado do Rio Grande do Norte, é composto por um circuito arquitetônico formado pelos bairros da Cidade Alta e Ribeira e, mesmo constituindo-se enquanto patrimônio cultural, nota-se que o espaço atravessa de maneira despercebida no cotidiano da cidade. Assim, o presente trabalho tem como objetivo central identificar como os moradores e os frequentadores observam o centro histórico da cidade de Natal, quais espaços compõem o centro histórico e quais os principais problemas encontrados nesses espaços. Para atingir os objetivos propostos foram realizadas pesquisas bibliográficas e documentais e visitas *in loco* para identificar e mapear os espaços constituintes da área histórica da cidade e a elaboração e aplicação de um questionário que teve como intuito compreender como o centro histórico é observado a partir dos olhares de moradores e frequentadores da região. Em seguida, foi construída a tabulação desses dados. Com os resultados obtidos, foi possível compreender como o centro histórico se constitui, bem como os pontos que o integra; além disso, por meio das idas a campo foi possível aferir que os prédios e os monumentos que estão inseridos nesse espaço passam por um processo de abandono por parte do poder público, ocasionando problemas sociais para a área tais como ausência de estrutura e insegurança – fatores que impedem a população de sentir-se à vontade para frequentar esses espaços que os próprios moradores e frequentadores identificam e entendem como importantes para a história da cidade.

Palavras-chave: centro histórico; memória; patrimônio cultural.

ABSTRACT

The historical center of a city is configured as the first urban nucleus of occupation of a given locality, therefore being the spaces that went through a process of decline of its activities over time, leaving to these environments the function of telling, retelling and keeping alive the memory of the cities. The historic center of Natal, capital of the state of Rio Grande do Norte, is composed of an architectural circuit composed of the districts of Cidade Alta and Ribeira, even if it is constituted as a cultural heritage it is noticeable that the space goes unnoticed in the city's daily life. Therefore, the present work has as its main objective to identify how the residents and visitors observe the historic center of the city of Natal, which spaces compose the historic center and what are the main problems found in these spaces. In order to reach the proposed objectives, bibliographic and documental researches were carried out, as well as in loco visits to identify and map the spaces that make up the historic area of the city, and the elaboration and application of a questionnaire that aimed to understand how the historic center is observed from the point of view of the residents and frequenters of the region. With the results obtained it was possible to understand how the historic center is constituted, as well as the points that integrate it, through the field visits it was possible to realize that the buildings and monuments that are inserted in the space go through a process of abandonment by the government, causing social problems for this area as lack of structure and insecurity, factors that repel the very population to feel comfortable to frequent these spaces, that the residents and frequenters identify and understand the importance of this space for the history of the city.

Keywords: historical center; memory; cultural heritage.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Mapa de Localização do centro histórico de Natal/RN.....	14
Quadro 1- Etapas da pesquisa	18
Figura 2 – Delimitação inicial de Natal	25
Quadro 2- Bens culturais tombados oficialmente na Cidade Alta e Ribeira.....	32
Figura 3 – Antigo cine Nordeste.....	35
Figura 4 – Situação atual do antigo cine Nordeste.....	35
Quadro 3- Bens culturais inseridos no roteiro histórico.....	35
Figura 5 – Marco da Santa Cruz da Bica.....	37
Figura 6 – Atual situação do Marco da Santa Cruz da Bica.....	37
Figura 7 - Pontos históricos da Cidade Alta – tombados e não tombados.....	38
Figura 8 – Pontos históricos da Ribeira – tombados e não tombados.....	39
Figura 9 – Solar João Galvão.....	41
Figura 10 – Capitania das Artes	41
Figura 11 – Museu Café Filho.....	42
Figura 12 – Antigos armazéns da Rua Dr. Barata.....	43
Figura 13 – Rua Chile	44
Figura 14 – Casa de Ferreira Itajubá	45
Figura 15 – Pinacoteca do estado durante a reforma, setembro de 2021.....	46
Figura 16 – Pinacoteca do estado após reforma, setembro de 2022	47
Figura 17 – Teatro Alberto Maranhão durante a reforma.....	47
Figura 18 – Teatro Alberto Maranhão após a reforma	47
Figura 19 – Samaritana antes da restauração.....	48

Figura 20 – Samaritana durante a restauração.....	48
Figura 21 – Igreja do Galo, Cidade Alta.....	49
Figura 22 – Igreja de N. Senhora do Rosário dos Pretos.....	49
Figura 23 – Igreja de N. Senhora da Apresentação.....	49
Figura 24 – Memorial Câmara Cascudo.....	50
Figura 25 – Casa de Câmara Cascudo	50
Gráfico 1 – Local onde os respondentes residem	52
Gráfico 2 – Conhecimento dos respondentes sobre o centro histórico de Natal.....	53
Gráfico 3 – Relação de pertencimento com os bairros do centro histórico.....	53
Gráfico 4 – Tipo de vínculo com os bairros do centro histórico	54
Gráfico 5 Patrimônio identificado como sendo pertencente ao centro histórico.....	55
Gráfico 6 – Relação de sentimento/identificação com o centro histórico.....	58

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

IPHAN	Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
PDN	Plano Diretor da Cidade de Natal
FJA	Fundação José Augusto
FUNCART	Fundação Capitania das Artes
AEPC	Área Especial de Preservação Cultural
AERU	Áreas Especiais de Requalificação Urbana
SECULT	Secretaria Municipal de Cultura

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	13
2	PERCURSO METODOLÓGICO DA PESQUISA	17
3	REFERENCIAL TEÓRICO	20
3.1	DA CONCEPÇÃO DO ESPAÇO URBANO A CONCRETUDE DAS CIDADES	20
3.2	MEMÓRIA, LUGAR E IDENTIDADE	22
3.3	NATAL: DO CENTRO DOS TEMPOS ÁUREOS AO DECLÍNIO DO CENTRO HISTÓRICO.....	25
3.4	PATRIMÔNIO CULTURAL: A FORMA ESPACIAL DAS RUGOSIDADES	30
4	IDENTIFICAÇÃO E MAPEAMENTO DOS ESPAÇOS DO CENTRO HISTÓRICO DE NATAL/RN	33
4.1	LOCALIZAÇÃO ESPACIAL DOS CENTRO HISTÓRICO DE NATAL	33
4.2	CENTRO HISTÓRICO: UM PASSADO SEM MEMÓRIA	42
5	COMO O CENTRO HISTÓRICO SE APRESENTA: UMA PERSPECTIVA A PARTIR DO OLHAR DE QUEM MORA E DOS QUE FREQUENTAM A REGIÃO	53
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	63
	REFERÊNCIAS	65
	ANEXOS	69

1. INTRODUÇÃO

O centro histórico de uma cidade se constitui como pilar fundamental para conhecer a singularidade histórica de uma dada localidade. Nesses espaços, torna-se possível identificar os aspectos iniciais de formação e organização de um território. As ruas, praças, casarões, museus, dentre outras construções, têm a finalidade de conectar a população com seus lugares de memória (NORA, 1993), as quais, em um passado remoto, serviram como palco inicial para a formação da cidade, abarcando atividades econômicas, sociais e culturais. Assim, é necessário observar o centro como sendo o coração da cidade.

Com base na obra de Godinho (2019), identifica-se que o conceito de centro histórico pode ser caracterizado como sendo uma determinada parte de um respectivo território no qual “a partir do acúmulo de trabalho e estruturas tenha maior relevância histórico-cultural e econômica” (GODINHO, 2019, p. 10). Assim, o centro histórico se torna, na atualidade, importante devido à sua capacidade de trazer consigo simbologias, historicidades e memórias referentes à construção e criação das cidades.

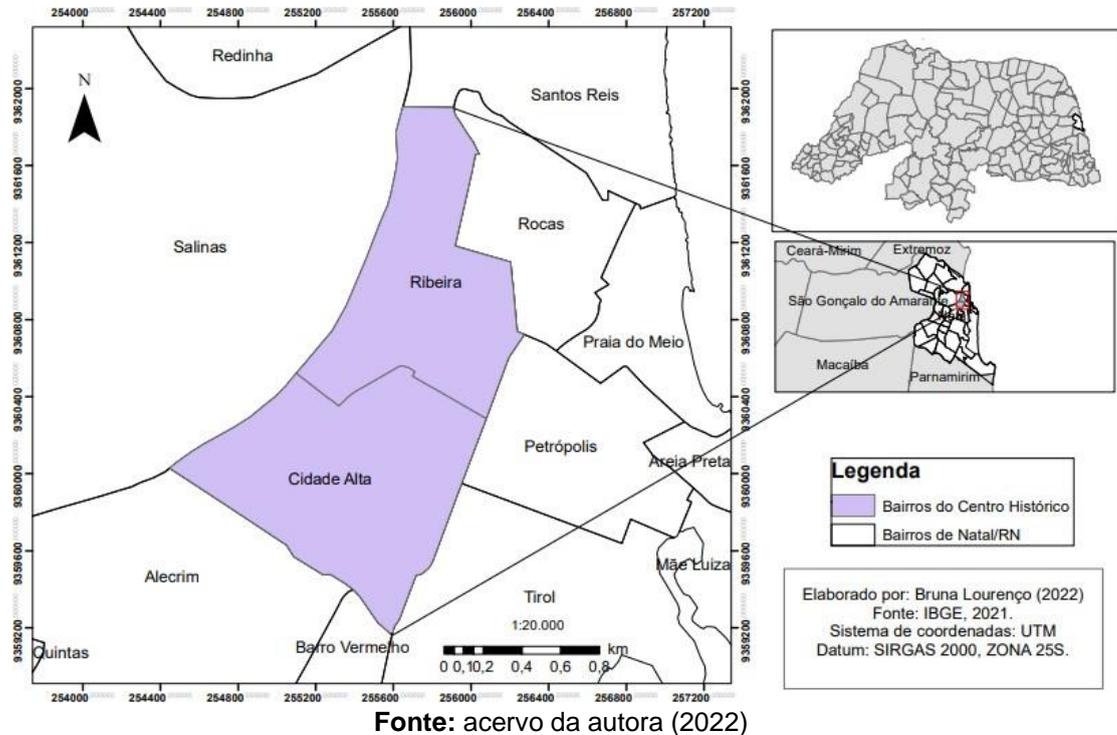
As áreas históricas se caracterizam de maneira similar – são quase sempre estruturadas em torno dos primeiros pontos de ocupação e formação das cidades, próximas ao núcleo original, fazendo parte ou não de conjuntos urbanísticos tombados (IPHAN, 2013). Geralmente esses espaços tendem a passar pelo mesmo processo, sendo este o enfraquecimento das suas funções iniciais devido à expansão dessas atividades em direção a outros polos da cidade; assim “(...) resultam em situações de declínio e/ou mudança na dinâmica econômica, esvaziamento de usos e funções, abandono e degradação dos imóveis” (IPHAN, 2013, p. 21).

Destarte, o centro histórico de Natal (Figura 1), localizado na capital do estado do Rio Grande do Norte, nordeste do Brasil, é composto por um circuito arquitetônico formado pelos bairros da Cidade Alta e Ribeira, sendo estes os primeiros núcleos de ocupação da cidade. O espaço foi reconhecido e tombado pelo IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional), como patrimônio cultural no ano de 2010.

Durante décadas, estes dois bairros foram os responsáveis por abarcar as principais atividades da capital; no entanto, a partir da década de 1980, com a expansão da malha urbana em direção a outros pontos da cidade – com principal ênfase, a Zona Sul –, o dinamismo e a concentração de atividades existentes ali passaram a entrar em declínio, o que faz com que esses espaços passem por um

processo de esvaziamento, possuindo pouca ou quase nenhuma função dentro da cidade atualmente.

Figura 1 - Localização do Centro Histórico de Natal/RN



Assim, parte-se do pressuposto que, atualmente, mesmo constituindo-se como patrimônio cultural, o centro histórico da capital potiguar possui ainda pouco protagonismo dentro da cidade; no parecer do arquiteto Marcus Azambuja, no processo de tombamento do centro histórico, foi relatado que outros agentes ganhavam maior destaque dentro da cidade e assim:

Pouco se fala do patrimônio cultural de Natal, não porque ele inexistia, mas porque outros aspectos da paisagem e do entorno da capital do Rio Grande do Norte capturam antes nossa imaginação e convocam atenção de forma exclusiva [...] São as praias, as dunas e a brisa que nos mobilizam [...] (ASSUNÇÃO, 2017, apud IPHAN, 2008, p.19-20).

Dessa forma, o objetivo geral desta pesquisa foi identificar qual o olhar dos moradores e dos frequentadores diante do centro histórico de Natal. Também se buscou compreender quais espaços constituem a área histórica da cidade, quais os principais problemas encontrados nesse local e, por fim, compreender como o centro histórico é percebido a partir da visão de quem mora e de quem frequenta a região.

A metodologia que guiou essa pesquisa foi caracterizada como sendo de caráter qualitativo exploratório, composta pelas seguintes etapas: visitas *in loco*, pelas quais foi possível identificar e mapear os espaços constituintes do centro histórico de Natal, bem como a atual situação desse espaço; elaboração e aplicação de um questionário que teve como intuito compreender como o centro histórico é observado a partir do olhar de moradores e frequentadores da região; e, por fim, a tabulação dos dados obtidos. Concomitante a essas etapas, foi realizada a escrita da respectiva monografia, cujo detalhamento será apresentado na seção a seguir.

Assim, considerando que a geografia necessita estabelecer diálogos entre homem e meio, bem como contribuir para que a população desenvolva relações de pertencimento com seus espaços de memórias, este trabalho trouxe, como espaço identitário, o centro histórico de Natal, visando entender como ele se apresenta e o que representa para moradores e frequentadores. Compreende-se que a ligação entre o povo e suas raízes é fundamental para a construção de sua identidade, manutenção e valorização de seu passado histórico, bem como de sua memória individual e coletiva.

Nesse sentido, a escolha por esse recorte espacial se justifica pelas suas contribuições no campo teórico-metodológico das discussões que dialogam sobre a geografia e espaços de memória, e por haver notado em pesquisas prévias que existem poucos trabalhos que unem o centro histórico de Natal a um olhar da geografia; no mais, para além das questões acadêmicas, existe uma relação de curiosidade e encantamento da autora com o objeto de estudo em questão.

Dessa forma, o estudo sobre a área demonstra a sua relevância, pois trará ainda mais contribuições para pesquisas futuras que dialoguem sobre o centro histórico da cidade atrelado a uma perspectiva da geografia a partir dos seus conceitos fundamentais, bem como proporcionando mais conhecimento e visibilidade acerca de um espaço que outrora fora primordial para a cidade de Natal.

Assim, este trabalho foi estruturado a partir de algumas seções, a saber: introdução; percurso metodológico da pesquisa; da concepção do espaço urbano à concretude das cidades; memória, identidade e lugar; Natal: do centro dos tempos áureos ao declínio do centro histórico; patrimônio cultural: a forma espacial das rugosidades; identificação e mapeamento dos espaços do centro histórico de Natal/RN; localização espacial do centro histórico de Natal; centro histórico: um

passado sem memória; como o centro histórico se apresenta: uma perspectiva a partir do olhar de quem mora e dos que frequentam a região, e considerações finais.

No mais, espera-se que esse trabalho venha a contribuir com pesquisas futuras sobre o centro histórico de Natal, proporcionando um maior entendimento, cuidado e preservação desses espaços.

2. PERCURSO METODOLÓGICO DA PESQUISA

No que tange à metodologia desta pesquisa, ela pode ser classificada, quanto à sua abordagem, como sendo de caráter qualitativo, uma vez que o material coletado contribui para a compreensão das relações que os moradores e frequentadores exercem frente ao centro histórico da capital potiguar. Assim, espera-se que, com as respostas, amplie-se a quantidade e diversidade de opiniões.

Quanto aos objetivos, caracteriza-se como exploratória, pois “(...) tem como principal finalidade desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e ideias, tendo em vista a formulação de problemas mais precisos ou hipóteses pesquisáveis para estudos posteriores” (GIL, 2002, p. 27).

Dessa forma, no contexto da pesquisa qualitativa de caráter exploratório encaixam-se alguns procedimentos técnicos que foram utilizados para a estruturação deste trabalho, tais como o levantamento bibliográfico e documental e as visitas *in loco*, nas quais foi possível identificar e mapear os espaços constituintes do centro histórico de Natal, bem como a atual situação desse espaço. Além disso, ocorreu a elaboração e aplicação de um questionário que teve como intuito compreender como o centro histórico é observado a partir do olhar de moradores e frequentadores da região e, por fim, procedeu-se à tabulação dos dados obtidos.

Inicialmente, para alcançar os objetivos da pesquisa foi realizado um levantamento bibliográfico em dissertações, teses, artigos científicos e livros com o intuito de embasar teoricamente a pesquisa; assim, foi possível esclarecer conceitos e temas inerentes à realização deste estudo.

Além disso, foi realizado, de maneira concomitante, um levantamento documental em órgãos oficiais de âmbito federal por meio do IPHAN estadual, com base na documentação disponibilizada pela FJA (Fundação José Augusto) e, em escala municipal, na FUNCART/SECULT (Fundação Capitania das Artes/Secretaria

Municipal de Cultura), com o intuito de identificar como funciona a regulação do espaço que compõe o centro histórico; “a pesquisa documental, bem como outros tipos de pesquisa, propõe-se a produzir novos conhecimentos, criar novas formas de compreender os fenômenos e dar a conhecer a forma como estes têm sido desenvolvidos” (KRIPKA; SELLER; BONOTTO, 2015, p. 244). Com base na consulta aos documentos oficiais, foi possível identificar quais bens culturais são tombados dentro dos respectivos bairros e, por consequência, organizá-los de maneira adequada em tabelas que representam o que faz parte da Cidade Alta e da Ribeira.

Com o intuito de mapear os bens históricos que integram os bairros da Ribeira e Cidade Alta, durante o mês de setembro foram realizadas, ao todo, cinco idas ao centro histórico de Natal. O mapeamento foi realizado utilizando o aplicativo *Avanza Maps*, onde, com a ajuda de um mapa-base dos dois bairros elaborado por meio do *software de Arcgis*, foi possível inserir todos os espaços – tombados ou não – que fazem parte do circuito histórico da cidade. Além disso, por meio dessas idas, ocorreu a identificação e a observação de como esses espaços que compõem o centro histórico estão atualmente, no que se refere à estrutura, conservação, entre outros pontos.

Na etapa seguinte, durante o mês de outubro deu-se a elaboração do questionário que seria aplicado junto ao público alvo – moradores e frequentadores – dos bairros da Ribeira e Cidade Alta, com o objetivo de compreender a percepção dessas pessoas, inseridas diariamente no ambiente do centro histórico, sobre como observam esse espaço. O questionário foi estruturado a partir de perguntas abertas e fechadas, e a aplicação ocorreu de duas formas: virtualmente e presencialmente, sendo que as idas *in loco* para aplicação do questionário ocorreram do início de novembro até início do mês de dezembro.

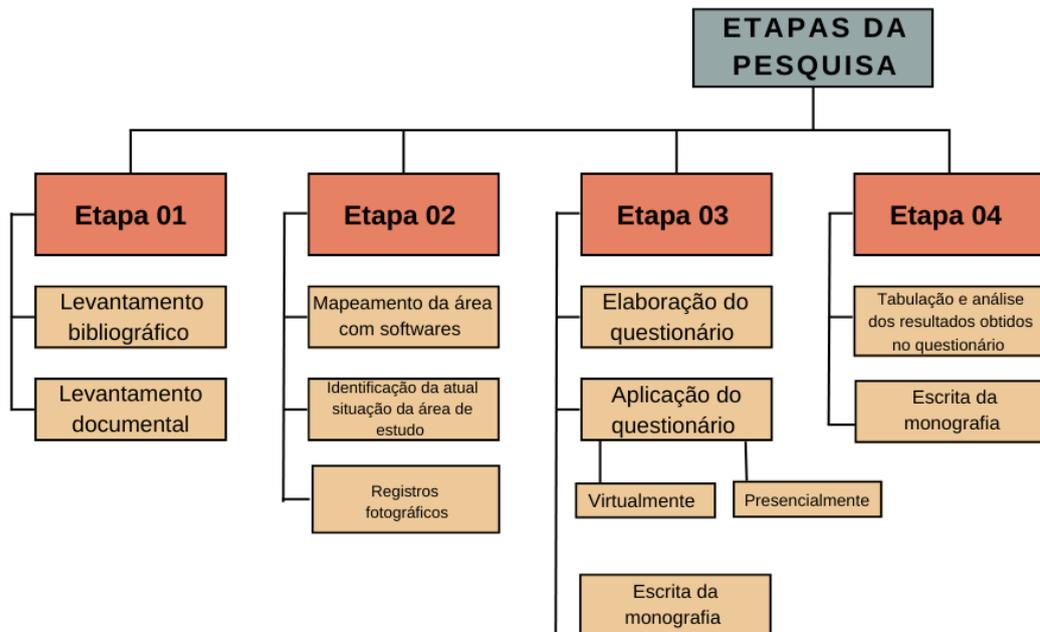
A escolha dos 202 sujeitos que responderam ao questionário ocorreu de maneira aleatória. Nas idas a campo para aplicação das perguntas, o público era abordado nas ruas da Cidade Alta, principalmente na Avenida Rio Branco, devido esta ser uma das zonas de maior fluxo do bairro; na Ribeira, a execução do questionário se deu principalmente na Avenida Duque de Caxias, devido ao fluxo de passageiros em uma das paradas de ônibus da respectiva avenida. Virtualmente, o questionário

foi divulgado nas redes sociais da autora para que mais pessoas pudessem ter acesso e responder, contribuindo, assim, para um bom desenvolvimento da pesquisa.

Adiante, ocorreu a tabulação dos dados obtidos por meio da aplicação do questionário no qual, partindo-se de uma análise como dito anteriormente qualitativa, identificou-se como quem mora e quem frequenta a região observa o espaço do centro histórico. Também nessa etapa foi possível a elaboração dos mapas que apresentam a localização exata dos bens culturais dos bairros da Cidade Alta e da Ribeira.

Na ilustração a seguir temos o quadro 1 demonstrando o resumo das etapas da pesquisa, com o intuito de facilitar a visualização por parte do leitor.

Quadro 1 – Etapas da pesquisa



Fonte: elaborado pela autora (2022)

3. REFERENCIAL TEÓRICO

Para o desenvolvimento deste estudo, se fez necessária a compreensão de alguns conceitos dorsais da pesquisa, tais como o conceito de espaço a partir de Lefebvre (1985), o de espaço urbano com base em Corrêa (1993) e as concepções da cidade, com base em Carlos (1999).

Em seguida, foi importante identificar como se caracteriza a construção do lugar geográfico, bem como conceituar as questões referentes aos aspectos identitários. Assim, buscou-se amparo em alguns escritos de Tuan (1992), Carlos (2007) e Claval (2007); posteriormente, abordou-se o conceito de memória coletiva e individual a partir da obra do sociólogo Halbwachs (1990).

Em seguida, foi realizada uma breve caracterização sobre a concepção dos centros históricos a partir da obra de Sebastian (2010). Também se fez necessária uma breve caracterização com base em Cascudo (1999), acerca da história da cidade de Natal. Para revisitar o processo de estruturação do centro histórico de Natal, buscaram-se os acervos do IPHAN (2010) e Costa & Amaral (2016). Por fim, são apresentadas as questões inerentes ao patrimônio cultural em Mendes (2012) e sobre como este dialoga com as rugosidades espaciais estudadas por Santos (2006).

3.1. DAS CONCEPÇÕES DO ESPAÇO URBANO: A CONCRETUDE DAS CIDADES

O estudo do espaço urbano perpassa pela compreensão deste lugar como sendo um conjunto de fatores externos e internos que dialogam entre si; é a visão deste ambiente como algo presente no cotidiano que se apresenta por meio das suas mais diversificadas formas espaciais.

Inicialmente, faz-se necessário identificar as concepções do espaço. Para Lefebvre (1985), esse espaço não existe sozinho, mas é construído a partir de todas as trocas e interações existentes entre o homem e o meio. Com isso, estudar como o espaço se apresenta socialmente não é, segundo Lefebvre (1985), estudá-lo apenas em “si mesmo”, mas sim compreender e identificar as relações existentes e entrelaçadas naquele espaço e como estas ajudam na sua produção e reprodução enquanto um produto social. Desse modo, o conceito de espaço pode ser atribuído a “(...) lo mental y lo cultural, lo social y lo histórico (...)” (LEFEBVRE, 1985, p. 56).

O espaço urbano pode ser analisado a partir de uma perspectiva tridimensional, na qual Lefebvre (1985) o caracteriza em prática social, representação do espaço e espaços de representação. O primeiro eixo diz respeito às questões materiais do espaço, bem como as interações diárias do homem e as relações que este estabelece em relação ao espaço. O segundo refere-se aos meios no qual o espaço pode ser representado, pois estes instrumentos de representação geram informações espaciais. E, por fim, o terceiro diz respeito às questões simbólicas inerentes ao espaço, ou seja, a forma como o homem se identifica, bem como atribui significados àquela porção do espaço.

Em outra perspectiva, Corrêa (1993) pauta os estudos do espaço urbano em subdivisões; para ele, este tende a ser fragmentado, articulado, reflexo e condicionante social, campo simbólico e de lutas. Portanto, compreender o espaço urbano é observá-lo a partir de uma dessas dimensões, e igualmente entender como essas categorias dialogam, interagem e respondem às lógicas espaciais das cidades.

Com isso, o espaço urbano torna-se um campo simbólico a partir da utilização dos diferentes atores sociais dentro daquele espaço, onde estes se apropriam e atribuem a esse ambiente uma simbologia própria (CORRÊA, 1993). Dessa forma, a imposição desses significados, ainda na perspectiva do autor, se dá a partir das formas espaciais apresentadas na paisagem urbana como "(...) monumentos, lugares sagrados, uma rua especial, uma favela, lugares de lazer etc." (CORRÊA, 1993, p. 17).

Por outro lado, a cidade seria a representação desse espaço urbano onde se concebem e percebem as ações do homem; é na cidade onde ocorre a produção do cotidiano, a reprodução das formas, da estrutura, da atribuição de signos e significados. Desse modo, a cidade é percebida por meio de seus prédios, avenidas e carros, mas não se resume apenas a isso – é preciso identificá-la pelos seus sons e para além das avenidas.

Essa percepção da cidade para além da sua concretude, a qual busca conectar-se com ela por meio dos sentidos e das simbologias, está atrelada ao conceito de topofilia – sendo esse o elo que existe entre as pessoas e os lugares (TUAN, 2015) – em que a vivência das pessoas, nesses ambientes, tende a gerar uma relação de identidade e pertencimento.

Dessa maneira, Carlos (1999) caracteriza a cidade como sendo a materialização de todos os objetos, formas e funções que compõem o espaço urbano.

Assim sendo, se é na cidade que a vida acontece e onde o homem produz relações sociais, econômicas e culturais, a autora apresenta a cidade como sendo um produto social da construção humana que carrega consigo as marcas e as características do processo de ocupação de seu respectivo território.

Logo, compreender as questões que se impõem acerca dos centros históricos perpassa pelo entendimento de que esses espaços se configuram e podem ser estudados a partir de sua representação enquanto campos simbólicos dentro da cidade, nas quais o uso (ou não) desses lugares irá gerar um simbolismo próprio, caracterizando-os e diferenciando-os de outros lugares.

3.2. MEMÓRIA, LUGAR E IDENTIDADE

A valorização do passado das cidades perpassa pelos centros históricos, estando estes presentes no cotidiano urbano. O olhar geográfico pode trazer possibilidades para uma reflexão crítica-analítica desses espaços de vivência, como também despertar o sentimento de pertencimento e afeição por esses lugares. Na perspectiva de Abreu (2019), essa busca pela valorização do passado nas cidades se caracteriza como sendo uma forma de manter viva a identidade, raízes e singularidade dessas cidades.

Para que seja possível enxergar-se como pertencente a um lugar, bem como desenvolver e criar vínculos afetivos, é necessário, antes de tudo, cultivar memórias em relação a esse espaço. A memória, dentro de uma perspectiva psicológica, é compreendida como um espaço localizado no cérebro humano em que é possível ocorrer o armazenamento de recordações ou informações. Silva (2018) discute que essas informações ficam guardadas e, quando necessário, são recuperadas total ou parcialmente.

Com base nisso, a memória pode ser classificada em dois tipos, sendo a memória individual ou singular referente às vivências e marcas pessoais do indivíduo, e a memória coletiva formada a partir do convívio e das reproduções sociais. Assim, mesmo existindo uma linha entre o que seria memória individual e coletiva, o sociólogo Halbwachs (1990) destaca que, por mais que tenhamos marcas individuais, as memórias mais singulares são construídas a partir das relações sociais.

Portanto, como forma de resgate da memória, percebe-se que o lugar pode contribuir para esse processo; Tuan (1983) aponta que o lugar significa as relações

de afeto desenvolvidas com uma determinada porção do espaço, envolvendo questões identitárias e de pertencimento – é o sujeito sentir-se parte daquele espaço. Ainda segundo o autor, quanto mais o ser humano conhece aquele espaço, mais valor tende a atribuir a ele. Ainda nas palavras de Tuan (1983), "o lugar pode adquirir profundo significado para o adulto através do contínuo acréscimo de sentimentos ao longo dos anos. Cada peça dos móveis herdados, ou mesmo uma mancha na parede, conta uma estória." (TUAN, 1983, p. 52).

Segundo Carlos (2007), o lugar é constituído pela construção de três pilares que se complementam e conversam entre si: habitante – identidade – lugar. Dessa forma, é preciso pensar o significado histórico de cada lugar para o crescimento da vida. Carlos (2007) utiliza a cidade como exemplo e disserta sobre as relações que os indivíduos podem estabelecer com ela a partir de uma boa utilização espacial, sendo esta, segundo a autora, "passível de ser sentida, pensada, apropriada e vivida através do corpo" (CARLOS, 2007, p. 17).

À luz de Carlos (2007), o lugar se configura como a parcela do espaço utilizada pela vida cotidiana, e essa utilização se dá de maneira simples nas áreas comuns, praças, bairros e ruas; assim, nas palavras da autora, "(...) o lugar só pode ser compreendido em suas referências, que não são específicas de uma função ou de uma forma, mas produzidos por um conjunto de sentidos, impressos pelo uso" (CARLOS, 2007, p. 18).

Nas bases da geografia cultural, Claval (2007) institui que se apropriar do espaço é marcá-lo para além das fronteiras que delimitam territórios, por meio dos usos daquele ambiente de maneira identitária e por meio da anexação de monumentos que caracterizam aquele território como pertencente a um grupo.

De início, o grupo apropria-se coletivamente. Logo que anexe um território inabitado ou pretensamente vazio, seus representantes organizam uma cerimônia, erguem pela primeira vez as cores nacionais e erigem um monumento, não importa quão modesto seja - frequentemente um simples marco de pedra -, para marcar sua passagem, solenizar o acontecimento e atestá-lo face a eventuais considerações (CLAVAL, 2007, p. 216)

Essa forma de demarcar um espaço se constitui como fator de reconhecimento: é olhar-se e se perceber como parte daquele lugar; aqueles objetos identificam a sua história como pertencente àquele grupo. Para Claval (2007), os objetos precisam ser vistos para além da sua forma funcional, mas sim como objeto simbólico, representando de maneira significativa a memória coletiva.

Se reconhecer como parte daquela memória e se identificar dentro daquele espaço não é suficiente, sendo necessário realizar o que Claval (2007) intitula de “batismo dos lugares”, ou seja, conservar aquele lugar por meio das memórias sejam estas escritas, faladas ou fotografadas, para que outras pessoas passem a conhecer aquele mesmo ambiente.

Assim, as questões identitárias do sujeito para com o seu espaço de vivência estão ligadas diretamente aos aspectos que envolvem a atribuição de simbologias e afetividade que os indivíduos destinaram aos seus lugares de memória (NORA, 1993), que pode ser desenvolvido a partir da relação dos cidadãos com seus espaços históricos.

Os centros históricos, na maioria das vezes, estão atrelados ao velho. São casarões, ruas, monumentos e praças antigas que estão inseridas dentro da paisagem urbana e dividem lugar com os aspectos que modelam as cidades atualmente. Dessa forma, a constante remodelação das cidades, cada vez mais acelerada, traz ao imaginário rotineiro da população a verticalização vista como o novo, o sinônimo de cidade como sendo os prédios e avenidas engarrafadas, fazendo com que cada vez mais os espaços antigos que, outrora foram fundamentais para o processo de ocupação e desenvolvimento daquele território, sejam esquecidos, deixados para trás, perdendo-se no emaranhado de novos prédios.

Assim, discutir a questão do patrimônio cultural atrelado aos aspectos dos centros históricos é pensá-lo a partir da sua simbologia em meio às paisagens cotidianas, sendo visto não apenas como espaço que remonta às histórias antigas de uma cidade, mas sim como lugar de memória (COSTA, 2008), de tal forma que as rugosidades patrimoniais (OLIVEIRA, 2020) estejam passíveis de serem sentidas, vividas e conhecidas pela comunidade que se utiliza do espaço da cidade diariamente, desenvolvendo na população o sentimento de pertencimento e afeição pelo lugar.

3.3. NATAL: DO CENTRO DOS TEMPOS ÁUREOS AO DECLÍNIO DO CENTRO HISTÓRICO

Para compreender a estruturação dos dois primeiros bairros da cidade, cabe detalhar acerca do processo de ocupação da própria cidade de Natal. A história da cidade se inicia a partir da construção da Fortaleza de Santos Reis, em 1598, atual

Forte dos Reis Magos. É costumeiro atribuir a criação da cidade à construção da fortaleza, isso se dá devido às pequenas ocupações que começaram a ocorrer nas áreas circunvizinhas a ela e que seguiram, por questões de segurança, para as partes mais altas da cidade – atual Praça André de Albuquerque (BARBOSA; SOARES, 2022).

Para Cascudo (1999), a busca realizada por Jerônimo de Albuquerque, em dezembro de 1599, e que pôde ser avistada ao longe, “(...) era o platô que se estende desde a Praça André de Albuquerque, envolvendo Petrópolis e Tirol, até a Praça Pedro Velho, avenidas até Hermes da Fonseca” (CASCUDO, 1999, p. 143). Ainda na perspectiva do autor, a primeira casa se constrói no bairro da Cidade Alta como consequência do processo inicial de demarcação do que viria a ser a cidade de Natal, que se faz a partir da instalação das duas cruzes.

A cidade era delimitada, segundo Cascudo (1999), por meio das duas cruzes. A cruz do Norte (atual Praça das Mães) foi instalada na rua que levava até a Ribeira, e a cruz do Sul (Atual Praça da Santa Cruz da Bica), estava próxima ao “(...) riachinho Tiçuru, rio da Bica, rio da Fonte, rio do Baldo” (CASCUDO, 1999, p. 145). Cascudo (1999) relata que a cidade possuía doze casas em 1614 e, em 1631, sessenta; com base nisso o autor identifica que as primeiras construções da cidade, tanto residências como órgãos públicos são estruturadas a partir da área na qual, hoje se localiza a Praça André de Albuquerque, considerada, atualmente, como marco zero de Natal, mostradas na Figura 2.

Figura 2 – Delimitação inicial da cidade de Natal-RN



Fonte: acervo da autora (2022)

Ainda a respeito da estruturação da cidade, Cascudo (1999) disserta:

As construções foram feitas numa elevação a pequena distância do rio, formando a cidade propriamente dita porque contém a Igreja Matriz. Consiste n' uma praça cercada de residências, tendo apenas o pavimento térreo, as igrejas que são três, o palácio, a câmara e a prisão. Três ruas desembocam nesta quadra, mas elas não possuem senão algumas casas de cada lado. A cidade não é calçada em parte alguma e anda-se sobre uma areia solta, o que obrigou alguns habitantes a fazerem calçadas de tijolos ante suas moradas. (CASCUDO, 1999, p. 144)

Como abordado anteriormente, a Cidade Alta se estrutura e vai, ao passar das décadas, ganhando ares de bairro residencial, porém, em contraponto a isso, a ocupação e organização do bairro da Ribeira ocorrem de maneira um pouco diferente.

A Ribeira recebe este nome devido às características topográficas da região, por ser uma parte baixa, uma parte alagada da cidade resultado dos movimentos da maré. Cascudo (1999) retrata em sua obra que a Ribeira é a Ribeira porque “(...) as águas lavavam os pés dos morros. Onde está o teatro Carlos Gomes¹ tomava-se banho salgado em fins do século XIX” (CASCUDO, 1999, p. 149).

Durante décadas, o bairro da Ribeira possuía condições de habitabilidade em uma determinada parte somente, onde foram construídas as primeiras estruturas residenciais a partir da Rua Chile e Doutor Barata (CASCUDO, 1999). No mais, “a Ribeira era zona de sítios para plantações, morando apenas os guardas dos armazéns que vigiavam as mercadorias exportadas para Pernambuco. A Cidade Alta era o bairro residencial por excelência.” (CASCUDO, 1999, p. 150).

Ainda sobre os dois bairros, é relatado que “os dois núcleos tinham vida quase independente pela distância. Durante a noite nenhum cidadão da Cidade Alta afrontaria os descampados da Ladeira, temendo o lobisomem que corria nas trevas (...) para ir bisbilhotar pela Ribeira” (CASCUDO, 1999, p. 152). Dessa forma, é possível identificar que ocorria certa segregação entre o bairro da Cidade Alta em relação à Ribeira. Essa situação somente se altera com as obras de saneamento realizadas na Ribeira para que o bairro tivesse condições de receber outros imóveis que não fossem meros galpões de descarte de mercadoria.

Com isso, de 1850 em diante, após o término das obras de saneamento na Ribeira, o bairro vai se estruturando cada vez mais e vão sendo instalados grandes armazéns, casas residenciais, prédios de órgãos oficiais, lojas, espaços culturais etc., o que faz com que a Ribeira e a Cidade Alta detivessem os principais pilares econômicos e políticos que proporcionaram o funcionamento da cidade de Natal durante várias décadas.

Conforme detalhado, os bairros da Ribeira e Cidade Alta abrigaram, desde suas primeiras eminências de ocupação, os mais diversos tipos de atividades que iam de sedes de órgãos políticos até casas de atividades culturais, bem como espaços econômicos e residências. Medeiros e Luna (2012) relatam que entre as décadas de

¹ Carlos Gomes era o antigo nome do atual Teatro Alberto Maranhão, localizado no bairro da Ribeira.

1970 e 1990 a cidade de Natal foi ganhando uma nova configuração, expandindo-se para outros pontos, fazendo com que os dois bairros que, a priori concentravam grande parte das atividades políticas, econômicas e sociais fossem perdendo protagonismo frente às novas configurações urbanas da capital potiguar.

Para um melhor entendimento acerca do que seriam os centros históricos, é necessário analisar esses espaços a partir de uma tríade que dialoga entre si, sendo esta: sua criação, apogeu e declínio (SEBASTIAN, 2010). A criação seria o momento inicial a partir das primeiras delimitações daquele espaço, com a inserção das primeiras casas, locais de comércio etc. O apogeu refere-se ao grande nível de influência e importância daquele ambiente, quando este incorpora uma diversa gama de agentes sociais, políticos, econômicos. Por fim, o declínio relaciona-se com a perda de atratividade daquele espaço e geralmente acontece devido aos novos eixos de expansão criados dentro das cidades.

Assim, os centros históricos se caracterizam como sendo os espaços mais antigos de uma cidade. A priori, palco do processo inicial de ocupação territorial, abarcando atividades econômicas e políticas; no entanto, com o passar dos anos as cidades se expandem, criam outros tecidos, novas configurações e deixam aos antigos centros a missão de contar antigas histórias (SEBASTIAN, 2010).

Ainda sobre centros históricos, é possível complementar:

Este núcleo corresponde assim ao centro funcional tradicional das cidades, o qual apesar de ter perdido alguma atratividade, tendo-se tornado menos acessível que outras áreas novas, permanecerá sempre como a parte antiga da cidade, e isso explica que o elemento mais marcante de um centro histórico na actualidade seja a sua imagem simbólica. (SEBASTIAN, 2010, p. 01)

Outra definição surge a partir de Fernandes (2011). Esta evoca precisamente o que seria o centro. Para o autor, o centro é entendido como a delimitação do espaço de maior fluxo e acessibilidade de uma cidade, igualmente compreendido como espaço de concentração de atividades de uma metrópole. No entanto, o “centro” pode ser observado para além das atividades econômicas e estruturado como “(...) concentrador da maior carga simbólica, representando uma melhor historicidade de uma cidade” (FERNANDES, 2011, p. 06).

Com base nas definições de centro e centro histórico apresentadas, pode-se perceber que o centro histórico de Natal tende a ser apresentado como um

concentrador de carga simbólica referente a esta cidade. O espaço foi tombado pelo IPHAN como parte do patrimônio cultural brasileiro no ano de 2010. O complexo engloba os bairros da Cidade Alta e uma parte do bairro da Ribeira, sendo estes os dois primeiros pontos de ocupação da cidade. Esse conjunto arquitetônico busca valorizar e contar a história da cidade de Natal por meio da imponência e importância do Rio Potengi, principal afluente do estado.

Dessa forma, um grande ponto para compreender o processo de declínio desses centros, que agora são caracterizados como históricos, se dá justamente por essa descentralização de atividades, pois estes espaços param de exercer funções que antes lhes eram fundamentais e passam a manter a forma, mas a função não lhes pertence. Sendo que, a priori, detinham a economia da cidade e os agentes políticos e passam então a não mais contar com essas ações, surgindo assim problemas estruturais, abandono do poder público e, por vezes, desvalorização e desconhecimento da população que para de frequentar esses lugares.

Amaral e Costa (2016), explicam que o complexo histórico de Natal não possui seu devido valor dentro da cidade, sendo este ponto um pouco desconhecido e quase nunca citado nas paisagens natalenses. Logo, mesmo se constituindo como um patrimônio cultural, as autoras relatam que o espaço passa por um processo de descaracterização e abandono. Nesse sentido, corroboramos com a assertiva de Pereira (2015) quando afirma que:

Diante dessas discussões que apontam para a questão do patrimônio, destaca-se a visão da geografia humanista e do urbanismo no que diz respeito a reflexões sobre o estudo do espaço urbano, permeado de fatores simbólicos e afetivos e que se transforma em lugar — categoria conceitual analisada tanto na área do urbanismo como na do patrimônio cultural, demonstrando haver uma relação intrínseca entre esses campos disciplinares. (PEREIRA, 2015, p. 65).

Portanto, podemos qualificar os centros históricos como um *lugar geográfico* com uma herança cultural (PEREIRA, 2015) que tem seu significado e registros possuídos por histórias e vivências. Conhecer, valorizar e preservar os centros históricos é preservar a história do lugar por adensar elementos materiais e imateriais.

3.4. PATRIMÔNIO CULTURAL: A FORMA ESPACIAL DAS RUGOSIDADES

Segundo Mendes (2012), a palavra patrimônio advém do latim *patrimonium*, sendo tudo aquilo que se herda de algo ou alguém. Para o autor, os seres humanos são herdeiros de seus espaços patrimoniais, sua maior forma de herança cultural. Desse modo, para que seja possível a compreensão da importância dessa herança cultural, bem como de seu processo de continuação social, é necessário desenvolver o que Mendes (2012) intitula como consciência histórica, ou seja, conhecer, desde cedo, a pertinência que o passado exerce na vida social e como todas as alterações históricas e culturais acontecidas no período anterior construíram o momento atual.

Ainda à luz de Mendes (2012), o passado não deve ser tido como algo deixado para trás e sem relevância, mas sim compreendido como parte do imaginário atual, no qual a usabilidade do espaço presente é consequência do passado. Assim, somos todos nós uma criação da articulação imprescindível entre passado e presente, fundamentada na memória e identidade.

Ao considerarmos as questões inerentes ao patrimônio cultural, é necessário observar esses aspectos atrelados ao objeto de estudo primordial da geografia: o espaço, sendo este considerado "(...) um conjunto indissociável, solidário e também contraditório de sistemas de objetos e sistemas de ações" (SANTOS, 2006, p. 39).

Os objetos, na perspectiva de Santos (2006), é o que se encontra posto e apresentado dentro do espaço, "(...) tudo o que existe na superfície da terra, toda herança da história natural e todo resultado da ação humana que se objetivou. Os objetos são esse extenso, essa objetividade, isso que se cria fora do homem e se torna instrumento material de sua vida" (SANTOS, 2006, p. 72). Esses objetos presentes no espaço são simbólicos ao homem e por vezes estão ligados à sua funcionalidade.

Por outro lado, as ações seriam as projeções, a organização que depende do que se espera com aquilo, ou seja, da sua finalidade; "(...) ações podem conter também a racionalidade alheia, sustentada por técnica e ciência e depositada em objetos técnicos que possuem as finalidades em si" (SABINO; SIMÕES, 2013, p. 178).

Assim, o espaço pode ser observado a partir de sua continuidade e da sua constante transformação e captado, também, a partir das marcas do passado que se

apresentam na paisagem, sendo estas um registro histórico dos procedimentos e das técnicas que foram utilizadas no processo de construção daquela sociedade. Estas marcas são capazes de diferenciá-lo das de outros povos, de outros ambientes.

Essas marcas do passado, presentes no espaço, são nomeadas e caracterizadas na geografia miltoniana como as denominadas *rugosidades espaciais*, esses reflexos de um determinado espaço-tempo de uma sociedade, bem como da sua forma de produzir e se reproduzir. Na definição de Santos:

Chamemos de rugosidade ao que fica do passado como forma, espaço construído, paisagem, o que resta do processo de supressão, acumulação, superposição, com que as coisas se substituem e acumulam em todos os lugares. As rugosidades se apresentam como formas isoladas ou como arranjos. (SANTOS, 2006, p. 140)

Portanto, esses aspectos do passado presentes nas paisagens atuais da modernidade podem contar histórias, bem como ser um importante instrumento de criação identitária e memorialística da população com aquele espaço. Logo, necessitam de ações que os mantenham integrados naquele espaço sendo preservadas e valorizadas.

Ademais, quando as rugosidades são atreladas aos estudos das cidades, é possível identificar que esses espaços rugosos tendem a ser alvo da ação predatória do capital, passando a ser alvo de uma relação antagônica entre a preservação do passado nas cidades e a substituição desses lugares por novas áreas mais rentáveis.

O patrimônio cultural, por ser uma herança do passado nas cidades, se configura como uma rugosidade espacial que guarda em sua forma o objetivo de transmitir para a população a história dos lugares. Mesmo misturando-se às novas formas da paisagem urbana, ainda é um meio de se aprender, contar e recontar sobre a memória das cidades.

. Quando observamos o objeto principal de estudo dessa pesquisa – o centro histórico de Natal – se torna possível caracterizá-lo, com base na obra de Santos (2006), como sendo uma rugosidade espacial: as suas formas antigas cristalizadas na paisagem urbana da capital potiguar integram um conjunto arquitetônico capaz de contar a história da cidade, seu processo de ocupação, as técnicas utilizadas, o modo de vida da população, entre outros fatores. Assim, essas rugosidades representam a herança cultural deixada por outras gerações e por outros povos e precisam ser

integradas ao cotidiano da população natalense com o intuito de preservar e valorizar os aspectos que circundam a memória da cidade.

4. IDENTIFICAÇÃO E MAPEAMENTO DOS ESPAÇOS DO CENTRO HISTÓRICO DE NATAL/RN

Para uma melhor compreensão acerca dos espaços que constituem o centro histórico da cidade do Natal, foi realizada uma consulta nos documentos oficiais tanto do IPHAN como da FJA (Fundação José Augusto), sendo este segundo o órgão responsável, em âmbito estadual, por garantir os usos e a preservação do patrimônio cultural do estado do Rio Grande do Norte, e por obter mais espaços sob sua tutela.

Além disso, para a identificação desses espaços também foi consultado o roteiro educativo elaborado pelas pesquisadoras Amaral e Costa (2016), sendo possível observar que na obra das respectivas autoras são adicionados outros vieses ao centro histórico, ou seja, lugares que não fazem parte do tombamento anteriormente realizado pela FJA passam a integrar o roteiro histórico da capital potiguar a partir do olhar das pesquisadoras.

4.1. LOCALIZAÇÃO ESPACIAL DO CENTRO HISTÓRICO DE NATAL

Como abordado, o centro histórico de Natal se constitui a partir de dois bairros – a Cidade Alta e a Ribeira. Dessa maneira, com o intuito de se obter uma visão mais clara e objetiva de quais seriam esses espaços, foi realizada, no decorrer da pesquisa, a segmentação desses locais históricos seguindo algumas caracterizações básicas.

Essa separação se fez necessária, pois, durante as consultas aos documentos oficiais, foi observado que não há uma divisão desses espaços; há apenas o nome deles, a data de tombamento e o município em que estão localizados. Dessa forma, como na cidade de Natal há uma boa quantidade de bens tombados, localizados, majoritariamente, nos bairros da Ribeira e Cidade Alta, foi pensado que seria interessante delimitar o que compõe cada bairro.

Inicialmente, foram apresentados os bens tombados de acordo com os documentos oficiais referentes aos bairros da Cidade Alta e Ribeira. Em seguida, apontou-se os espaços que constituem o centro histórico de Natal a partir da obra de Amaral e Costa (2016); neste caso, como já citado, se integram também locais não

tombados, pois as autoras observam e consideram os espaços para além das características do tombamento.

Sequencialmente, foi abordado um espaço que não estava inserido nem nos documentos oficiais do tombamento, nem na obra de Amaral e Costa (2016). No entanto, no decorrer desta pesquisa e, com base no que foi abordado, observou-se que esse espaço refletia uma importância e uma simbologia ao patrimônio, bem como à própria história da cidade de Natal. Por fim, ao final desta seção são exibidos dois mapas cujo principal intuito é fazer com que o público consiga se situar em relação à localização desses espaços na cidade.

Os quadros a seguir representam os espaços tombados nos bairros da Cidade Alta e da Ribeira. Cabe destacar que para algo ser passível de tombamento é necessário que possua alguns atributos essenciais. O decreto de Lei nº 25 de 1937 do IPHAN estabelece que, para algo ser tombado, é preciso que haja um objetivo comum em se preservar a história daquele espaço e que o mesmo represente um valor cultural e simbólico para a cidade e para os residentes que ali estão inseridos. Dessa forma, o intuito primordial do tombamento é proporcionar a manutenção dos espaços históricos impedindo, assim, sua descaracterização com o passar do tempo.

A responsabilidade pelo tombamento se apresenta a partir das três esferas de governança – federal, estadual e municipal. Dessa forma, a cidade de Natal conta com o apoio da FUNCART/SECULT (Secretaria Municipal de Cultura) e a FJA, no que tange às questões culturais da capital. Assim, com o intuito de manter as características dos espaços históricos, se iniciou, a partir de 1980, uma série de tombamentos liderados pela FJA referentes aos espaços memorialísticos de Natal, como pode ser observado nos quadros a seguir.

No Quadro 1 é apresentado o patrimônio cultural oficialmente tombado nos bairros históricos da Cidade Alta e da Ribeira. Esses dados estão disponibilizados nos documentos oficiais do site da FJA. Para uma melhor compreensão, a figura 4 conta com o nome do espaço, o endereço e o bairro no qual se localiza.

Quadro 2 – Bens culturais tombados oficialmente nos bairros da Cidade Alta e Ribeira

BENS TOMBADOS E SUA LOCALIZAÇÃO	
BAIRRO RIBEIRA	BAIRRO CIDADE ALTA
Antiga residência de Juvino Barreto Rua Henrique Castriciano, nº 335	Capitania das Artes Avenida Câmara Cascudo, 434

Antigo Palácio do Governo Rua Chile, nº 106	Antigo Liceu Industrial Avenida Rio Branco, 743
Associação Comercial de Natal Avenida Duque de Caxias, nº 191	Memorial Câmara Cascudo Praça André de Albuquerque, 30
Estação Central de Natal Praça Augusto Severo	Casa do Estudante Rua Cel. Lins Caldas, 678
Grand Hotel Avenida Duque de Caxias, nº 151	Casa do Padre João Maria Rua da Conceição, 603
JUCERN Avenida Duque de Caxias, s/n	Casarão da Junqueira Aires Avenida Câmara Cascudo, 378
Grupo escolar Augusto Severo Praça Augusto Severo, s/n	Solar João Galvão Avenida Câmara Cascudo, 431
Teatro Alberto Maranhão Praça Augusto Severo, s/n	Instituto Histórico e Geográfico do RN Rua da Conceição, 622
	Igreja do Rosário Nossa Senhora dos Pretos Praça Dom Vital, s/n
	Igreja do Galo Rua Santo Antônio, 698
	Igreja de Nossa Senhora da Apresentação Praça André de Albuquerque, s/n
	Antiga Sede da OAB/RN Avenida Câmara Cascudo, 478
	Casa de Câmara Cascudo Avenida Câmara Cascudo, 377
	Solar Bela Vista Avenida Câmara Cascudo, 417
	Travessa Pax Travessa Pax, s/n
	Casa da estudante Largo da Junqueira Aires, 528
	Museu Café Filho Rua da Conceição, 42-90
	Memorial da Justiça Rua Padre João Manoel, 531-569
	Coluna Capitolina Rua da Conceição, 622
	Casas da Rua da Conceição Rua da Conceição, nº 613, 617, 621 623
	Pinacoteca do Estado Praça Sete de Setembro s/n
	Cine Nordeste Rua João Pessoa, nº 86
	Relógio do Sesc Avenida Câmara Cascudo s/n

Fonte: adaptado de Fundação José Augusto (2022)

Com base no quadro 2, é possível identificar que existem mais espaços tombados oficialmente no bairro da Cidade Alta do que na Ribeira; isso pode ser uma consequência do processo de ocupação dos dois bairros. Na obra de Cascudo (1999), a Cidade Alta é relatada como uma área residencial, possuindo, portanto, mais tempo para se estruturar; por outro lado, a Ribeira somente começa a ser efetivamente ocupada após as obras de saneamento realizadas no local, o que demora décadas para acontecer.

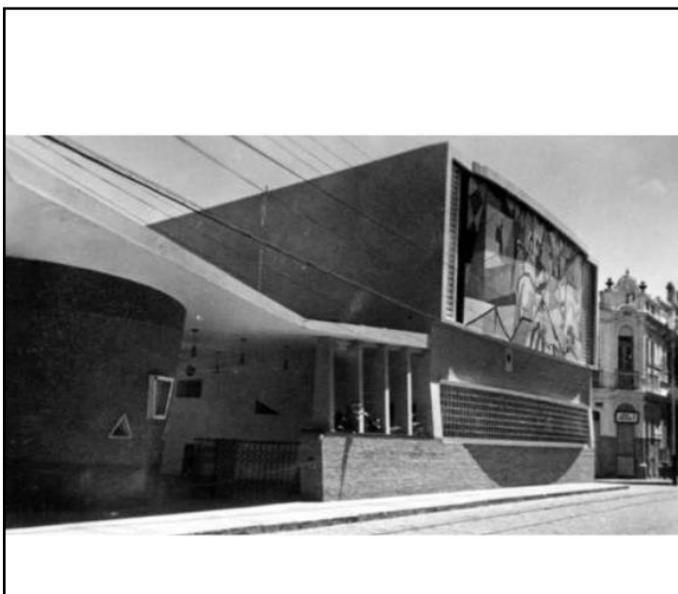
As discussões acerca dos espaços patrimoniais ganharam força por volta de 1970, quando a UNESCO (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura) estabelece diretrizes para preservação e organização do patrimônio cultural e natural do mundo, tendo em vista que o processo de desenvolvimento cada vez mais acelerado das cidades tenderia a afetar o espaço ocupado por um determinado bem (UNESCO, 1972).

Dessa forma, tendo como escopo essas discussões, por volta da década de 1980 se iniciam vários processos de tombamento nos espaços históricos da capital potiguar. Como já abordado, a cidade do Natal principia a partir da ocupação nos bairros da Ribeira e Cidade Alta, e muitos desses espaços representam, contam e recontam aos natalenses as raízes históricas da cidade. Atualmente, apesar de estarem resguardados por lei, muitos desses espaços se encontram em parcial ou completa situação de abandono e acabam passando de maneira despercebida na paisagem urbana de Natal.

Podemos citar como exemplo o prédio onde se localiza o antigo Cine Nordeste (Figuras 3 e 4). O espaço foi construído na década de 1950 e representou os ares da modernidade na cidade de Natal. Até pouco tempo funcionou como uma grande loja de departamentos, mas o investimento não vingou. Atualmente, mesmo sendo resguardado pela FJA enquanto patrimônio cultural, o prédio encontra-se sem nenhum uso aparente, praticamente abandonado. “Hoje o prédio, fechado, tem

embaixo de sua marquise a 'cama' dos desvalidos, dos muitas vezes invisíveis sociais” (CLARO, 2021, n.p).

Figura 3– Antigo Cine Nordeste



Fonte: Paiva (2018)

Figura 4 – Situação atual do antigo Cine Nordeste



Fonte: acervo da autora (2022)

A obra das pesquisadoras Amaral e Costa (2016) recria um roteiro educativo para moradores e visitantes no centro histórico de Natal; dessa forma, espaços que não foram tombados passam a integrar esse roteiro, devido à sua opulência na paisagem da capital do estado, como apresentado no quadro 3.

Quadro 3 – Bens culturais inseridos no roteiro histórico

BENS INSERIDOS NO ROTEIRO HISTÓRICO	
BAIRRO RIBEIRA	BAIRRO CIDADE ALTA
Praça Augusto Severo	Rua Apodi
Edificações no entorno da praça Augusto Severo	Praça Padre João Maria
Praça Augusto Severo, s/n	Casa da Viúva Machado Praça Dom Vital, nº 504
Museu da Cultura Popular Djalma Maranhão Praça Augusto Severo, s/n	Palácio Felipe Camarão Rua Ulisses Caldas, nº 81
Edifício Bila Avenida Duque de Caxias, nº110	Praça Sete de Setembro

Consulado Bar Rua Câmara Cascudo, 184	Avenida Câmara Cascudo
Sede do IPHAN/RN Avenida Duque de Caxias, nº 158	Praça das Mães
Igreja Bom Jesus das Dores Praça da Penha, nº 135	Sede do jornal "A República" Avenida Câmara Cascudo, nº 355
Rua Frei Miguelinho/ cais da Tavares de Lira Avenida Tavares de Lira e Rua Frei Miguelinho, s/n	
Casa da Ribeira Rua Frei Miguelinho, nº 52	
Beco da Quarentena	
Edificações da Rua Doutor Barata Rua Doutor Barata, s/n	
Rua Chile	
Antigo Museu Ferroviário Travessa Aureliano, s/n	
Casa de Ferreira Itajubá Rua Chile, nº 63	
Centro Náutico Potengy Rua Chile, nº 106	

Fonte: adaptado de Fundação José Augusto (2022) e de Amaral e Costa (2016)

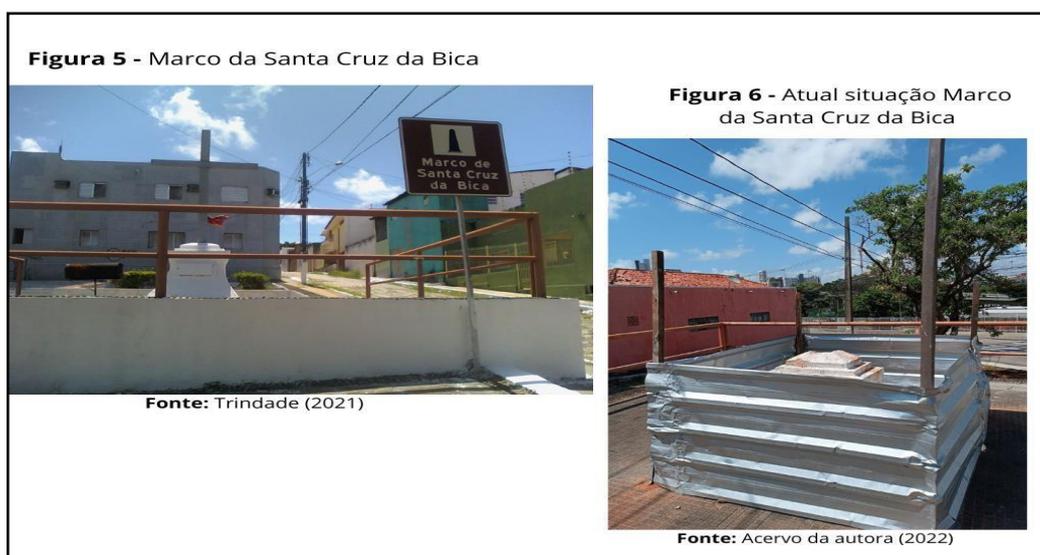
As autoras relatam que o intuito da obra é justamente o de estimular o interesse de quem mora e de quem visita Natal em conhecer os primeiros espaços históricos da cidade, fomentando um novo olhar que caminhe para além do Sol e do mar. Dessa forma, corroborando com as ideias das autoras, "entende-se que, apesar de não ser suficiente, um guia com um roteiro de visita é essencial para que o centro histórico de Natal dê-se a conhecer, e que este seja um importante passo rumo à preservação do nosso patrimônio cultural" (AMARAL e COSTA, 2016, p. 7).

Como exposto no quadro 3, as autoras inserem mais espaços ao roteiro histórico de Natal e, mesmo que esses locais não sejam passíveis de tombamento, acredita-se que são lugares cristalizados na paisagem de Natal. Com suas formas antigas, representam marcas de tempos idos que proporcionam ainda mais

conhecimento sobre como funcionava a cidade em um determinado período da sua formação.

No decorrer deste trabalho e, com base nos documentos oficiais e obras consultadas, foi possível identificar que existe um espaço que fez parte do processo de demarcação e ocupação de Natal que não está inserido como parte do patrimônio cultural da cidade e que, como forma de se fazer presente nos roteiros educativos, concluiu-se que seria interessante colocá-lo nessa pesquisa, sendo este o Marco da Santa Cruz da Bica, com endereço na Rua Mermoz s/n, no bairro da Cidade Alta (Figura 5).

Na obra de Cascudo (1999), o autor relata que a cidade de Natal, se delimita a partir da inserção das duas cruzes, sendo uma instalada na Praça das Mães e a outra na Praça da Santa Cruz da Bica. Dessas, a única que ainda resta é a última; no entanto, simbolicamente, no dia 17 de agosto de 2022, dia nacional do patrimônio cultural, esse marco desapareceu, foi destruído (Figura 6). Essa destruição se soma a tantas outras que já ocorreram ao patrimônio cultural da cidade e reflete o quanto esses espaços passam diariamente por um processo contínuo de esvaziamento, destruição e esquecimento e que reflete uma falta de cuidado do poder público para com esses locais.

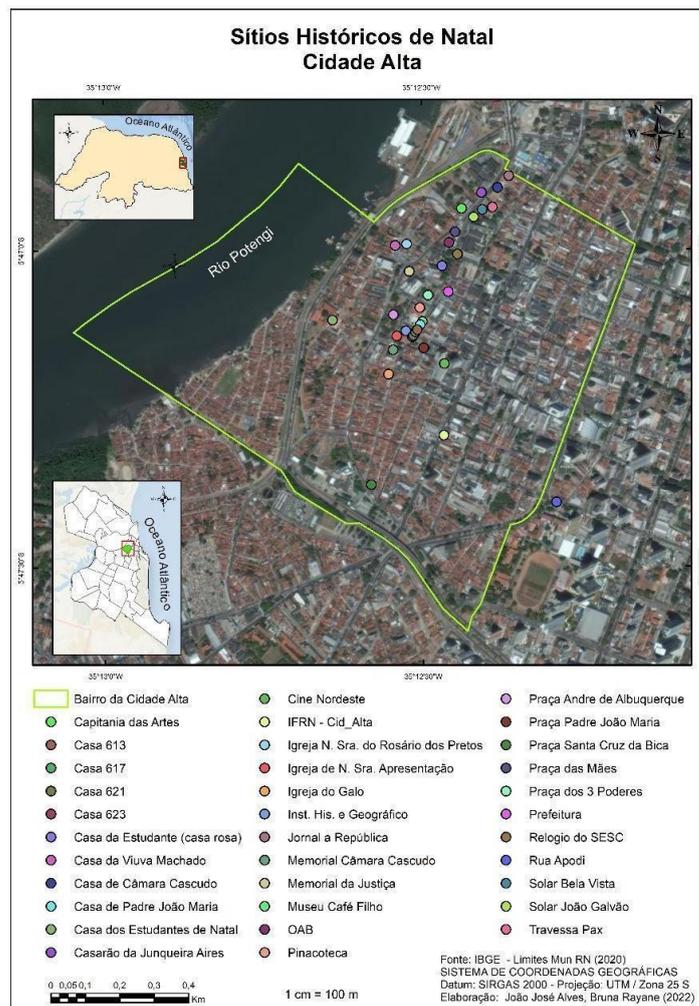


É certo que o processo de se manter preservado um espaço ou bem histórico é duro e exige a força tarefa de vários órgãos, nas mais diversas instâncias de governança; no entanto, é perceptível que quando se observa essa preservação tendo

como base a cidade de Natal, esse processo caminha a passos lentos ou quase não caminha.

Como parte final, foram elaborados dois mapas de localização tendo como intuito identificar onde esses espaços se apresentam na cidade. A Figura 7 apresenta a localização espacial dos pontos que são tombados e também os que não são, no bairro da Cidade Alta.

Figura 7 – Pontos históricos da Cidade Alta - tombados e não tombados

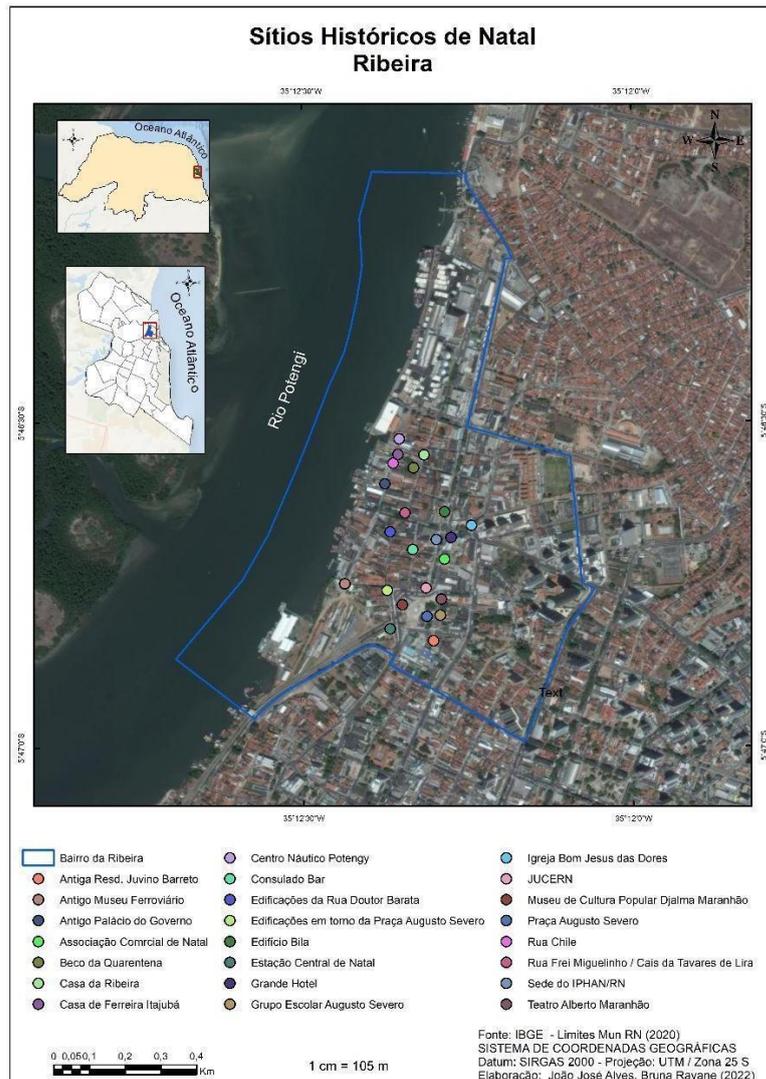


Fonte: acervo da autora (2022)

Por meio do mapa, é possível perceber a proximidade dos pontos históricos e a facilidade de se chegar a esses lugares, portanto, do ponto de vista do turismo, poderia ser um grande potencial a ser explorado. Em relação à população potiguar,

seria uma estratégia de melhor conhecer e resgatar a memória local e até mesmo cobrar do poder público uma melhor forma de preservação e restauração do seu patrimônio cultural. O mapa da Figura 8 identifica onde se localizam os pontos tombados e os não tombados no bairro da Ribeira.

Figura 8 – Pontos históricos do bairro da Ribeira - tombados e não tombados



Fonte: acervo da autora (2022)

O bairro da Ribeira possui um menor número de pontos históricos, se comparado com o bairro de Cidade Alta; no entanto, aparentemente os prédios apresentam menor grau de conservação, conforme pontuamos na seção a seguir.

4.2. CENTRO HISTÓRICO: UM PASSADO SEM MEMÓRIA

É certo que os bairros da Cidade Alta e da Ribeira abrigam grande parte do passado de Natal; caminhar pelas ruas desses bairros é observar a memória e a história da cidade apresentada por meio dos antigos casarões, das praças e dos monumentos que ali estão edificadas.

Atualmente, devido à expansão da cidade de Natal para outros eixos (MEDEIROS; LUNA, 2012), esses dois bairros passaram por um processo de esvaziamento das suas atividades iniciais, e agora caminhar por suas ruas é observar uma história que se esvai e que sofre diariamente a força incessante do tempo, do abandono e do esquecimento.

A prefeitura da cidade de Natal, na Lei complementar Nº 208, de 07 de março de 2022, dispõe que o espaço onde estão inseridos os bairros da Cidade Alta e da Ribeira sejam caracterizados como áreas especiais, sendo estas entendidas como "(...) porções do território do Município, situadas em Zonas Adensáveis ou não, com destinação específica ou normas próprias de uso e ocupação do solo." (NATAL, 2022). Com a nova atualização do PDN (Plano Diretor de Natal) esses dois espaços fazem parte das áreas especiais e se classificam em duas áreas específicas, sendo AEPC (Área Especial de Preservação Cultural) e AERU (Áreas Especiais de Requalificação Urbana).

São apresentados a seguir alguns pontos do espaço histórico que foram os mais observados durante as visitas *in loco* e, para que se tenha uma melhor compreensão da atual situação também são apresentadas algumas fotos que foram registradas durante as visitas.

O corredor histórico da cidade traz consigo um potencial cultural gigantesco, pois tem a missão de contar e recontar a história de Natal, conectando a população com as raízes do passado. Contudo, o que se observa é uma degradação desses espaços, causada principalmente pelo desuso de muitos prédios, o que acaba por repelir a população de frequentá-los.

É o caso do Solar João Galvão (Figura 9), na Avenida Câmara Cascudo, construído no início do século XX com vista privilegiada para o Rio Potengi e que abriga acervo de personalidades políticas e culturais do estado. Os dados mais recentes obtidos no jornal Tribuna do Norte (2017) relatam que o lugar fica aberto de segunda à sexta, das 08h às 14h; no entanto, durante as idas ao local, encontramos-lo fechado e a situação dos portões demonstrava não serem abertos há tempos.

Figura 9 – Solar João Galvão, Avenida Câmara Cascudo, Natal/RN



Fonte: acervo da autora (2022)

Do outro lado da mesma rua podemos observar o prédio da Capitania das Artes (Figura 10) em estilo neoclássico que, entre 1830 e 1862, abrigou a sede do governo provincial (MEDEIROS, 2019). O prédio foi tombado e revitalizado; sua fachada preservada tornou-se a representação e a marca de tempos passados.

Figura 10 – Prédio da Capitania das Artes



Fonte: acervo da autora (2021)

Atualmente, o prédio abriga a SECULT; porém, foi possível observar que há pouca movimentação no lugar, ausência de sinalização do que seria e muitas pichações. Ao buscar informações sobre esse lugar na internet é comunicado que há lojas e feiras artesanais no espaço, o que não procede. Vale ressaltar que somente a

fachada foi preservada, o interior do prédio foi totalmente modificado para abrigar novas funções.

Ao sair da Avenida Câmara Cascudo e caminhar em direção à Rua da Conceição, é possível observar o sobradinho do final do século XIX apelidado carinhosamente “véu de noiva”, devido à sua forma e tonalidade. Ainda na década de 1960 foi tombado pela sua importância, sendo este espaço o Museu Café Filho (Figura 11), que guarda a memória desse ilustre natalense que foi presidente da República.

Figura 11 – Museu Café Filho, bairro Cidade Alta em Natal/RN



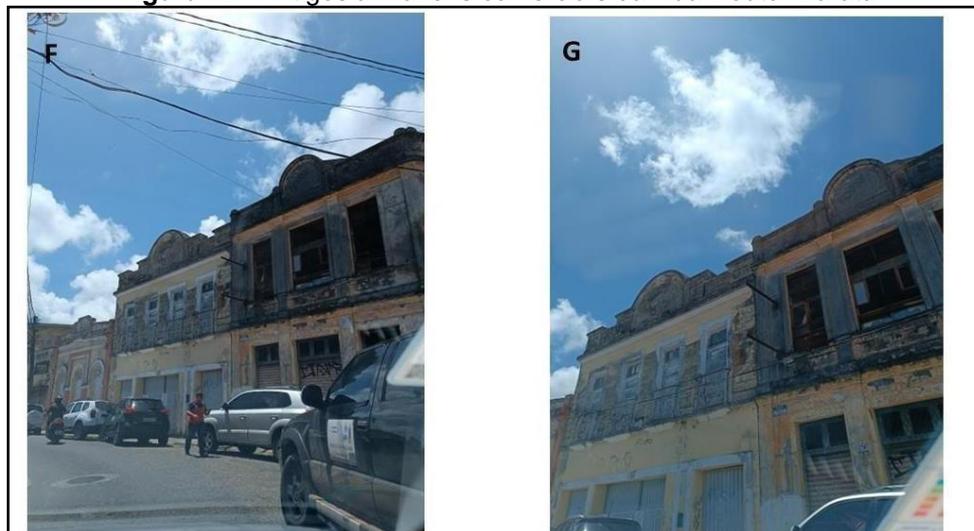
Fonte: acervo da autora (2022)

Como observado em outros pontos do centro, não há placas sinalizando que o espaço é um museu. Em nossas idas ao local em dias alternados, na tentativa de conseguir entrada, sempre estava fechado; também não há divulgação nas páginas dos órgãos do governo sobre o espaço, bem como quais atividades são desenvolvidas lá.

Ao sair da Cidade Alta e caminhar em direção ao bairro da Ribeira, se encontra a Rua Doutor Barata (Figura 12), uma das primeiras ruas do respectivo bairro após as

obras de saneamento (NESI, 2020). Os primeiros comércios do bairro se concentraram todos nessa rua.

Figura 12– Antigos armazéns comerciais da Rua Doutor Barata



Fonte: acervo da autora (2022)

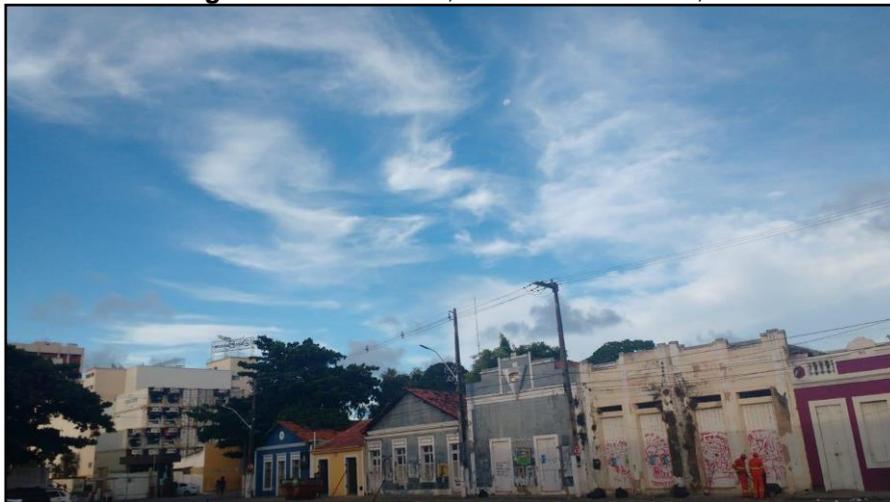
Diferentemente dos tempos idos, atualmente a rua não possui mais tanto comércio; os casarões antigos onde, em tempos passados, abrigavam lojas importantes para o comércio da capital, sofrem com um processo grande de abandono que se arrasta por anos sem solução.

Na Rua Dr. Barata, convém lembrar, muitos desses imóveis passam por um processo de judicialização, ou seja, integram inventários pessoais de antigas famílias e, por esse motivo, os órgãos responsáveis pelo uso e preservação do patrimônio ainda não conseguem ter uma posição correta sobre seu destino, mesmo integrando as AEPC e AERU (OLIVEIRA, 2022).

Ali próximo existe outro espaço singular para o bairro da Ribeira. Já foi denominado Rua da Praia, devido a sua proximidade com o mar; Rua da Alfândega, devido à construção do primeiro cais da Alfândega e, posteriormente, virou Rua do Comércio até se tornar, em meados de 1870, a conhecida Rua Chile (Figura 13), que mantém sua nomenclatura até os dias atuais (NESI, 2020). Essa rua é considerada um dos mais simbólicos espaços do centro histórico de Natal, por causa da quantidade de casarões que denotam e representam os acontecimentos históricos ali vividos que ajudaram a construir a história da cidade. Hoje em dia, é possível notar que há uma

quantidade de prédios fechados, sem sinalização, onde, em consequência do desuso e abandono, restaram apenas a fachada.

Figura 13 – Rua Chile, no bairro da Ribeira, Natal/RN



Fonte: acervo da autora (2021)

Ainda na Rua Chile, há uma bela casa de fachada amarela e branca (Figura 14) que abrigou durante muitos anos um grande poeta e escritor potiguar, mas não reconhecido em vida; essa foi a casa de Ferreira Itajubá. Não há informações precisas sobre o uso do prédio. Na atualidade, demonstra ser mais um prédio sem sinalização e uso fixo perdido no centro histórico de Natal; há o projeto de se criar nesse espaço um museu sobre a obra do autor, porém não há informações recentes sobre o seu andamento (PAIVA, 2015).

Figura 14 – Casa de Ferreira Itajubá

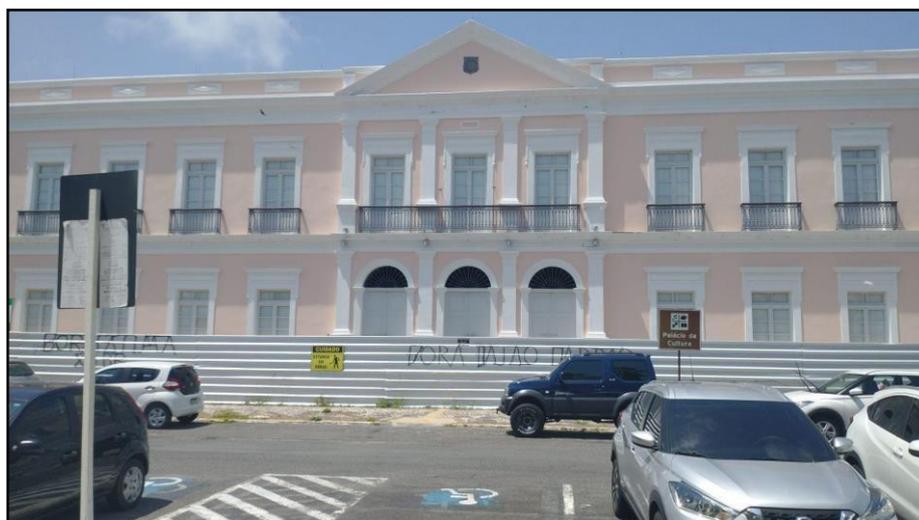
Fonte: acervo da autora (2022)

Ao caminhar pelas ruas dos dois bairros históricos de Natal, foi possível perceber uma série de prédios fechados, sem um uso específico, que acabaram sofrendo com as marcas do tempo e do descaso. Esse fator, por consequência, gera uma baixa movimentação nesses espaços, tornando-os muitas vezes perigosos de se frequentar, apesar da facilidade de se chegar até lá. No decorrer das visitas a campo foi constatada essa dificuldade, principalmente no bairro da Ribeira que, mesmo em dias de semana quando se espera que a movimentação seja alta, continua a ser baixa.

Ademais, foi possível constatar que existem ações incipientes do poder público para revitalizar alguns espaços do centro histórico. É o caso da Pinacoteca do Estado (Figuras 15 e 16), um edifício histórico de meados do século XIX; o prédio foi, até a década de 1980, sede do governo do estado do Rio Grande do Norte. O espaço passou dois anos fechado para reformas e, ao final do ano de 2021, foi reaberto ao público para visita. No local ocorrem eventos culturais e exposições de artistas

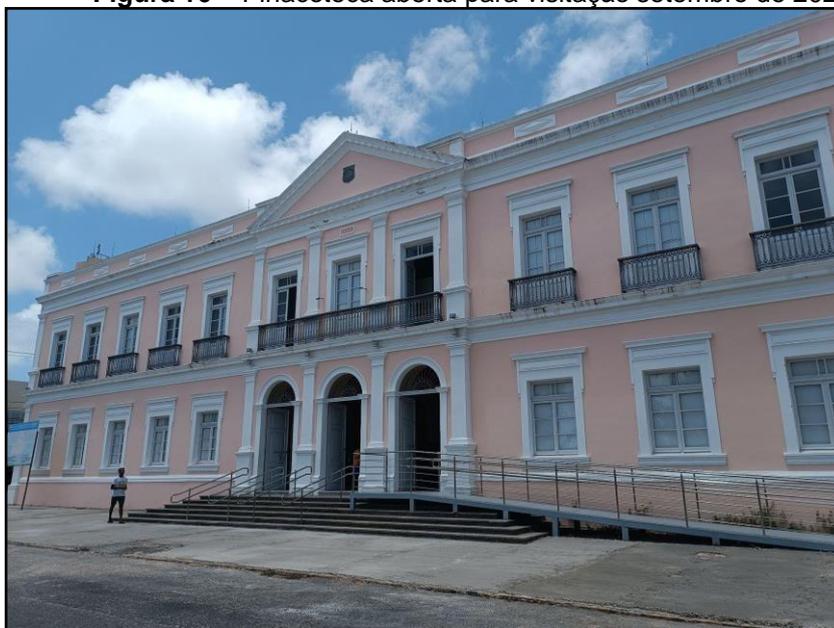
potiguares, e todas as ações são divulgadas na página do governo do estado, com o intuito de estimular e trazer a população a frequentar esse espaço.

Figura 15 – Pinacoteca do estado durante a reforma, setembro de 2021



Fonte: acervo da autora (2021)

Figura 16 – Pinacoteca aberta para visitação setembro de 2022



Fonte: acervo da autora (2022)

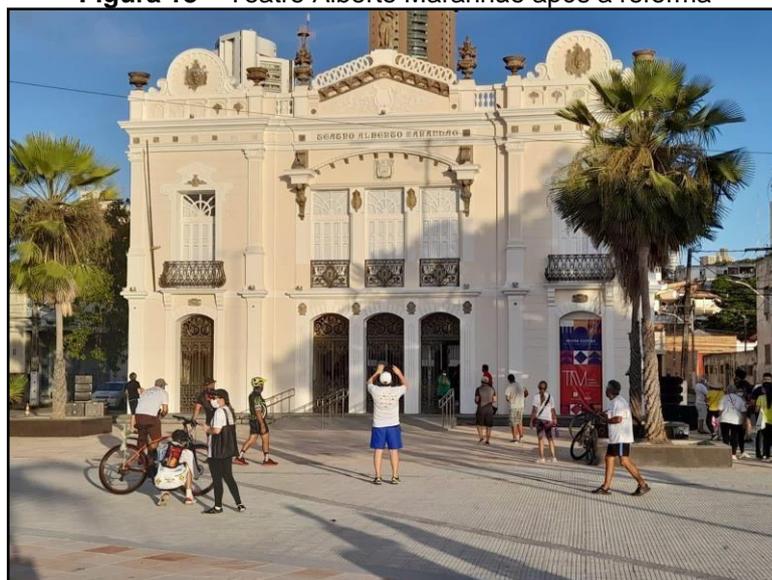
Outro ponto que merece destaque, e que foi reaberto há pouco tempo, é o Teatro Alberto Maranhão (Figuras 17 e 18). O teatro é uma construção centenária situada no bairro da Ribeira e seu estilo imponente chama a atenção dos que passam pelo espaço.

Figura 17 – Teatro Alberto Maranhão durante reforma



Fonte: Tribuna do Norte (2020)

Figura 18 – Teatro Alberto Maranhão após a reforma



Fonte: acervo da autora (2022)

Após seis anos fechado para reformas, o local foi reaberto para visitação. Hoje em dia ocorrem eventos teatrais e outros tipos de eventos culturais em seu espaço, e toda a programação é divulgada nas páginas oficiais do governo do estado, também como estratégia de atrair e estimular a população a frequentar.

A Rua Doutor Barata abriga inúmeros casarões antigos que foram palcos de fluxos comerciais diversos na Ribeira. Atualmente, um desses casarões onde funcionou a loja A Samaritana (Figuras 19 e 20), uma importante loja de tecidos da época, está passando por um processo de restauração, sendo este processo

caracterizado como “a tentativa de preservar e resgatar os traços originais de obras, documentos e espaços” (DUARTE, 2014, p. 01).

Figura 19- Samaritana antes da restauração

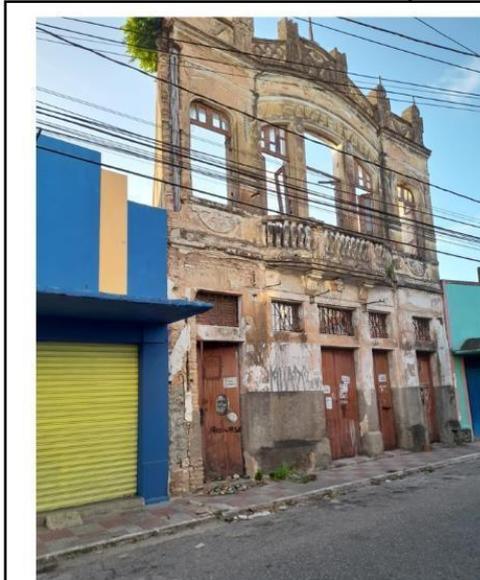


Figura 20- Samaritana durante restauração



Fonte: acervo da autora (2022)

A parceria para o processo de restauração veio de um dos inventariantes do prédio juntamente com a Lei Djalma Maranhão de Incentivo à Cultura. O objetivo é transformar o espaço em um café com exposições culturais.

Além dos monumentos apresentados, queremos dar destaque à Igreja do Galo (Figura 21), à Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos (Figura 22) e à Igreja de Nossa Senhora da Apresentação (Figura 23), todas localizadas no Bairro da Cidade Alta.

Figura 21 – Igreja do Galo, Cidade Alta**Figura 22** – Igreja Nossa S. do Rosário dos Pretos

Fonte: acervo da autora (2022)

Figura 23 – Igreja de Nossa Senhora da Apresentação, Cidade Alta

Fonte: acervo da autora (2022)

Esses espaços são os mais conservados do centro histórico de Natal, os quais sempre estão abertos à visitação. O Memorial Câmara Cascudo (Figura 24) e a Casa de Câmara Cascudo (Figura 25), ambos no bairro da Cidade Alta, também apresentam um bom estado de conservação, sinalização e sempre estão abertos ao público. Esse fato deve-se às igrejas serem espaços públicos de uso contínuo, onde ocorrem celebrações diárias e, nos espaços que carregam o nome do folclorista Câmara Cascudo, devido à forte participação de seus familiares na difusão de informações sobre esses espaços, com o propósito de manter viva a memória e a obra desse autor.

Figura 24 – Memorial Câmara Cascudo, Cidade Alta em Natal/RN



Fonte: acervo da autora (2022)

Figura 25 – Casa de Câmara Cascudo, Cidade Alta



Fonte: acervo da autora (2022)

Até aqui, destacamos, entre os monumentos que compõem o centro histórico de Natal, alguns pontos que apresentam maior e menor grau de conservação, uma vez que no espaço dessa pesquisa não caberia destacar todos os monumentos, prédios e praças do centro histórico. No entanto, ficou evidente que é necessário pensar ações que integrem a sociedade aos lugares patrimoniais que, na maioria das vezes, são os responsáveis por recontar a história de um povo, bem como reafirmar suas raízes.

Assim, a preservação, conhecimento e valorização do patrimônio cultural nas cidades estão intrínsecos a esses lugares de memória (NORA, 1993), tendo em vista que a população passa a valorizar os espaços antigos da cidade quando atribuem significados a eles, do contrário, serão apenas um amontoado de obras velhas sem

valor. Nessa perspectiva, na próxima seção discorreremos sobre o olhar dos moradores e frequentadores sobre o centro histórico.

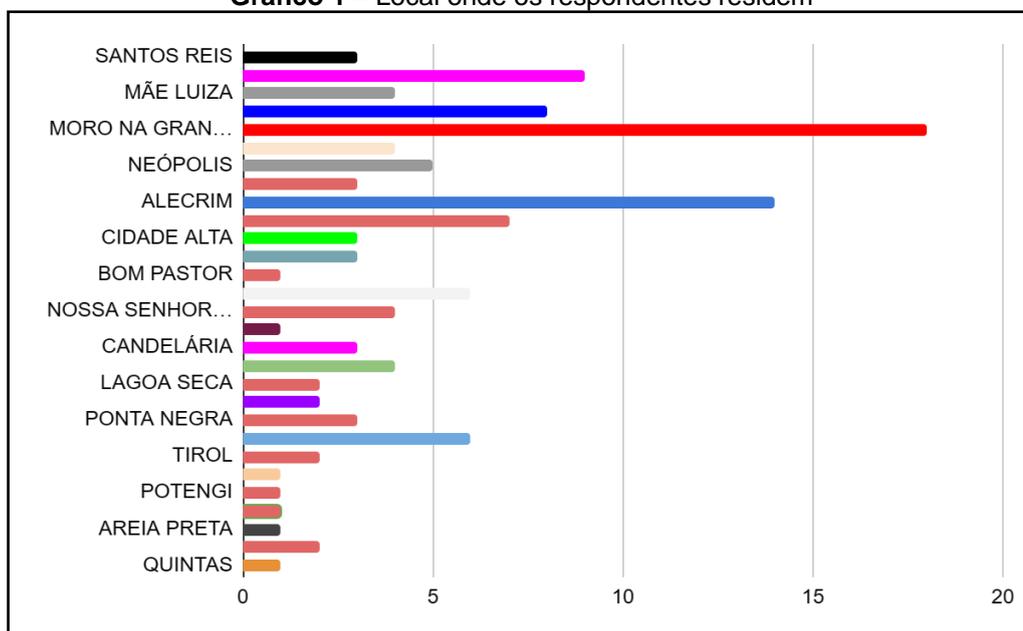
5. COMO O CENTRO HISTÓRICO SE APRESENTA: UMA PERSPECTIVA A PARTIR DO OLHAR DE QUEM MORA E DOS QUE FREQUENTAM A REGIÃO

Buscando compreender como o centro histórico de Natal se apresenta, ou melhor, como é visto por uma parcela da população, foi aplicado um questionário com 202 usuários e moradores do entorno. As questões iniciais buscaram identificar o perfil dos respondentes da pesquisa.

A maior parte dos respondentes (66,4%) é natural da cidade de Natal e 23% são naturais de outros municípios do Rio Grande do Norte; 10,7% afirmaram ser naturais de outro estado da federação. Quanto ao gênero dos respondentes, 52,9% pertencem ao gênero masculino, 46,3% ao gênero feminino e 0,8 % informaram pertencerem a outro gênero. Quanta à faixa etária dos respondentes, 47,5% responderam estar entre 21-25 anos; 13,1% entre 26-30 anos; 9,8% entre 36-40 anos; 9,0% entre 15-20; 7,4% entre 31-35; 4,9% entre 46-50; 4,1% entre 51-50 anos e 4,1% entre 41-45 anos. Ter uma grande variedade de respondentes, das mais diversas faixas etárias, contribuiu na percepção da maior ou menor conscientização e conhecimento sobre o centro histórico.

Quanto ao grau de escolaridade dos entrevistados, 49,2% possuem o ensino superior; 33,6% o ensino médio; 15,6% possui pós-graduação; 0,8% ensino fundamental e 0,8% possuem outros níveis de escolaridade.

Visando identificar o local onde os respondentes residem, devido à interação durante a aplicação do questionário pelas ruas dos bairros da Cidade Alta e Ribeira, foi possível perceber que 14,8% dos entrevistados mora na grande Natal, ou seja, em cidades da Zona Metropolitana, conforme pode-se observar no gráfico 1.

Gráfico 1 – Local onde os respondentes residem

Fonte: pesquisa de campo (2022)

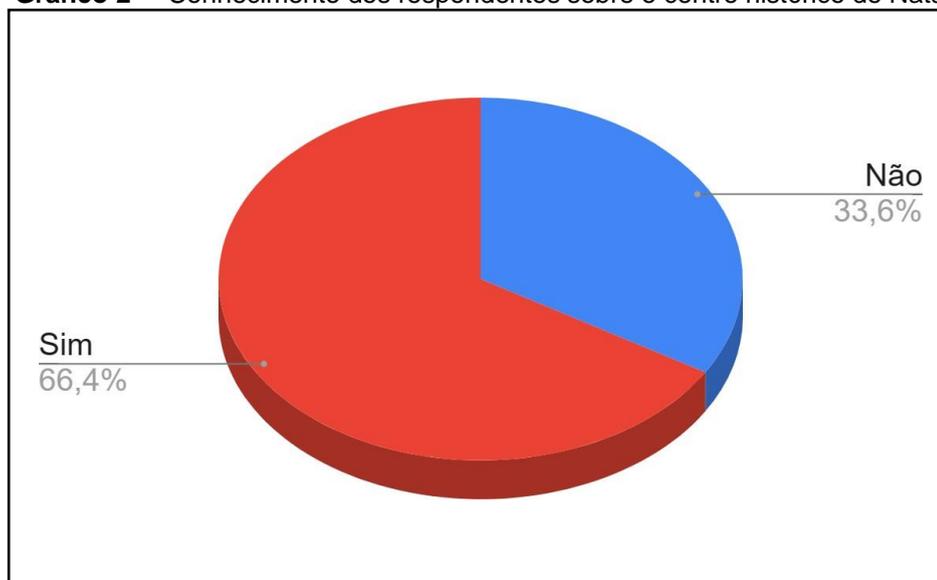
Com base nas informações referentes à localização dos respondentes, foi possível observar que a grande parte do público mora na Grande Natal e utiliza os bairros para outros fins que não os de moradia. Isso retrata o caráter diverso desses espaços, sendo sua utilização voltada para os demais fins que são apresentados ainda nesta seção.

Por meio das questões iniciais, identificou-se que o perfil da maior parcela da população que respondeu a esse questionário, seja de forma virtual ou por meio da aplicação *in loco*, caracteriza-se como de homens em uma faixa etária dos 20 aos 40 anos, que são naturais de Natal e que utilizam o bairro para outros fins que não o de moradia. Aqui cabe destacar as dificuldades encontradas no decorrer da pesquisa em ter acesso aos próprios moradores da região: na Cidade Alta, o máximo que se conseguiu acesso foi ao público que morava próximo à Igreja do Galo e ajuda na manutenção da mesma. Com relação a Ribeira, a população residente é quase nula, como observado anteriormente no gráfico 1.

Depois de traçado o perfil dos respondentes, seguiu-se para as questões mais voltadas para a relação de moradores com os bairros, tendo em vista que estes são componentes diretos e primeiros núcleos urbanos da cidade de Natal. A seguir, são apresentadas as respostas das principais questões.

Com o intuito de compreender se os respondentes tinham algum conhecimento sobre o centro histórico de Natal, dadas as opções sim e não, pode-se observar, no gráfico 3:

Gráfico 2 – Conhecimento dos respondentes sobre o centro histórico de Natal

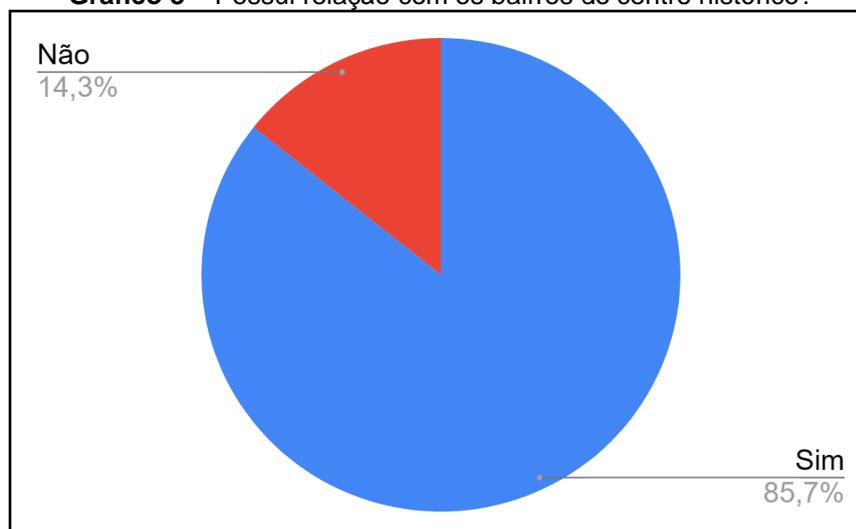


Fonte: pesquisa de campo (2022)

É interessante observar que o número de pessoas que não conhecem esse espaço se assemelha ao número de pessoas que não são naturais da cidade de Natal, somados aos que também são de outros estados da federação.

Buscando saber se os respondentes possuíam alguma relação com esses dois bairros, obtivemos as seguintes respostas, expostas no gráfico 3.

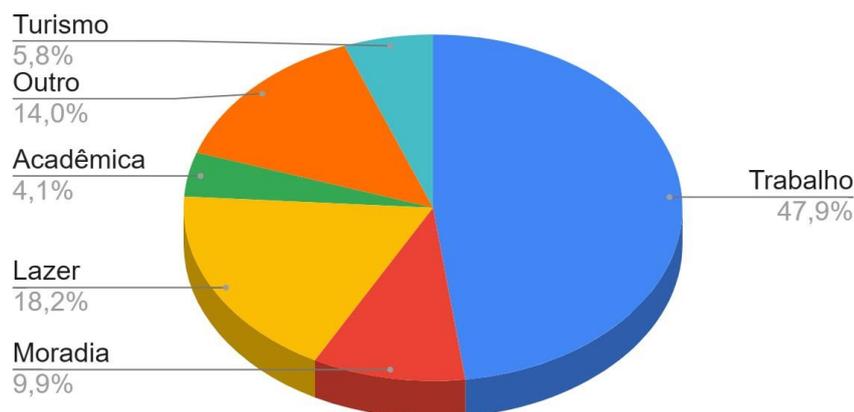
Gráfico 3 – Possui relação com os bairros do centro histórico?



Fonte: pesquisa de campo (2022)

Observa-se que a maior parte dos respondentes possuía algum tipo de vínculo com os bairros. Assim, procurou-se identificar qual seria esse vínculo, o que aproximadamente 50% respondeu estar relacionado ao trabalho, conforme observa-se no gráfico 4.

Gráfico 4 – Tipo de vínculo com o bairro



Fonte: pesquisa de campo (2022)

Além da maior relação dos respondentes ser ligada ao trabalho, a segunda opção mais respondida foi o lazer. Isso pode ser justificado pelo esforço de revitalização do Bairro da Ribeira e das ruas do centro histórico com bares e eventos culturais, como o Ribeira Boêmia e as rodas de samba no Beco da Lama, que acabam por atrair a população durante os eventos nesses lugares. No entanto, vale ressaltar que a maior parte dos respondentes foi de pessoas que exercem alguma atividade laboral nos bairros do centro histórico.

Buscando identificar qual entre os dois bairros os respondentes mais utilizam, obtivemos as respostas: 41,8% disseram utilizar mais a Cidade Alta; 39,3% dos entrevistados não utilizam nenhum dos dois bairros; 11,4% usufruem de ambos os bairros e 7,4% responderam utilizar apenas a Ribeira. Nessa perspectiva fica visível como o bairro da Cidade Alta ainda mantém certo protagonismo, quando observamos essa informação em consonância com a informação anterior; isso pode ser entendido

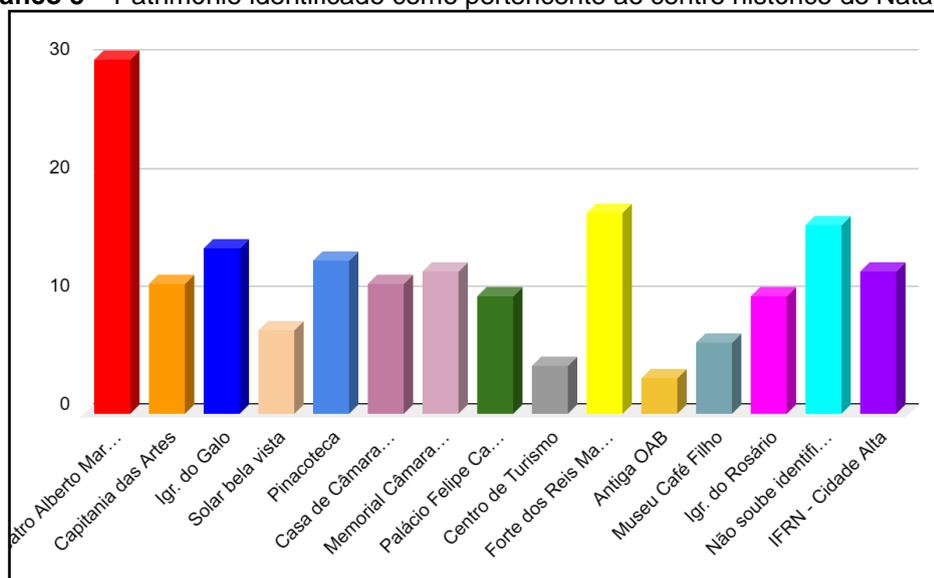
pelo fato de o espaço residencial ter crescido, tornando-se também comercial com o tempo, e essa essência ainda é mantida atualmente.

Em relação à frequência de ida dos respondentes nos bairros do centro histórico, 30,3% disseram frequentar todos os dias da semana; 24,4% raramente vão até esses espaços; 25,4% vão em um ou mais dias semana; 16,4% uma vez ao mês e 1,6% nunca frequenta esses espaços. Percebe-se que há pouca frequência nos bairros do centro histórico, isso pode ser justificado pelo notório declínio do comércio local. Percebe-se um número razoável de lojas fechadas, uma vez que novas centralidades foram surgindo na cidade, em especial com a chegada de shoppings. Além disso, a pouca conservação dos prédios e monumentos torna os bairros pouco convidativos. A existência de poucas residências também justifica o pouco quantitativo de frequência no bairro.

Visando adentrar, nesse momento, em questões mais específicas sobre o patrimônio, foi questionado se os respondentes sabiam o que seria patrimônio cultural: 94,12% dos respondentes afirmaram que sim, enquanto 7,8% responderam não saber do que se tratava.

Foi solicitado que os respondentes citassem algum patrimônio pertencente ao centro histórico de Natal, com o intuito de constatar se realmente eles tinham algum conhecimento. Foi possível observar uma variedade de respostas, nas quais a grande parte conseguiu identificar ao menos um espaço do centro histórico da capital, conforme pode-se observar no gráfico 5.

Gráfico 5 – Patrimônio identificado como pertencente ao centro histórico de Natal-RN



Fonte: pesquisa de campo (2022)

Vale salientar que alguns espaços citados pelos respondentes não correspondem ao centro histórico de Natal, como é o caso do Forte dos Reis Magos (6,8%) que, apesar de ser um bem tombado tanto em âmbito federal (IPHAN) como em estadual (Fundação José Augusto), está localizado fora dos bairros da Ribeira e Cidade Alta, bem como o Centro de Turismo que está fora da área de abrangência que caracteriza o centro histórico.

Ademais, é válido refletir como a maioria dos espaços citados pelo público está localizada no bairro Cidade Alta. Isso acaba por ser uma consequência do fluxo de pessoas nesse ambiente diariamente, o que gera uma maior apreensão visual de alguns elementos paisagísticos presentes neste bairro. Observa-se o oposto em relação ao bairro da Ribeira, onde o espaço mais citado foi o Teatro Alberto Maranhão, estando este localizado próximo a uma parada de ônibus do bairro, sendo o ponto mais visível para o público.

Foi perguntado se o público observa problemas em relação ao centro histórico, e o montante de 100% dos respondentes disseram observar problemas nesse espaço. É importante observar que por meio dessa resposta identificamos que o centro histórico não passa despercebido aos olhos da população, mas que ele segue sendo visto de maneira negativa devido a problemas como falta de estrutura, insegurança e a ausência de divulgação atrativa desses espaços.

Como falado anteriormente, o questionário aplicado era composto de perguntas fechadas e abertas. Como forma de proporcionar uma melhor resposta dos entrevistados, sem que, com isso, fosse induzida a opinião pessoal da pesquisadora, as questões propostas 13, 14 e 15 foram elaboradas em modelo aberto e apresentamos apenas algumas das respostas obtidas, devendo-se ao quantitativo alto de respostas e que não caberia em apenas uma seção deste trabalho.

A questão número 13 buscou saber quais problemas são identificados pela população no centro histórico de Natal. Observou-se que muitas das respostas ressaltaram constantemente o abandono do lugar, falta de investimento e até mesmo de divulgação dos espaços que integram a parte histórica da cidade.

Respondente A: *“A falta de investimento em vários sentidos, sobretudo na própria estrutura física. fora a questão de divulgação do espaço também.”*

Respondente B: *“Descaso e falta de reforma”*

Respondente C: *“O abandono com os prédios e os monumentos, além do processo de esvaziamento populacional e económico que o centro histórico vive.”*

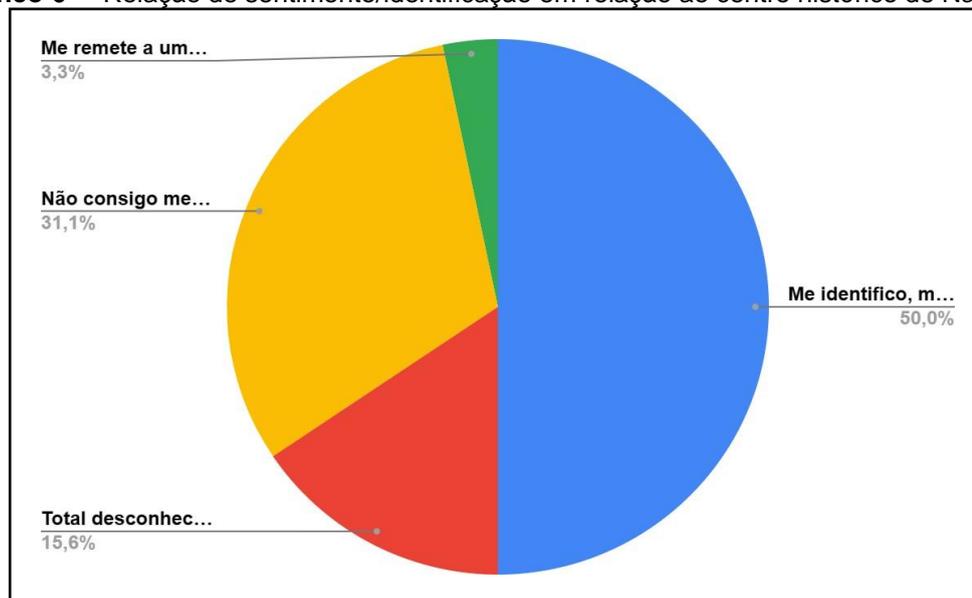
Respondente D: *“Falta de gestão em relação aos problemas relacionados a segurança pública principalmente e investimento do setor cultural “*

Respondente E: *“Abandono dos espaços públicos, falta de cuidado com marcos históricos, abandono da Ribeira num geral, a falta de atrativos que de fato voltem a população aos bairros históricos, falta de incentivo ao uso dos espaços no polígono de tombamento”*

Respondente F: *“Sei que existem lugares sendo ajeitados, mas ainda sim ele parece meio apagado “*

Por meio das respostas obtidas nessa questão, identificamos os problemas mais recorrentes e mais percebidos pela população, e isso reflete como o centro histórico parece abandonado, uma área com baixo investimento, pouca divulgação desses espaços e, por vezes, insegura. Essas informações são importantes, pois demonstram o quanto a população acaba por sentir a necessidade de transformação e cuidado desses espaços por parte do poder público e mesmo diante dessas problemáticas esse espaço não passa de forma despercebida pela população.

Ademais, foi solicitado que os respondentes apontassem qual sua relação com o centro histórico da cidade, e aqui vale ressaltar que questões referentes a sentimentos de pertencimento estão ligadas a um dos conceitos basilares da geografia, o lugar (gráfico 6). A questão foi apresentada com livre escolha, sobre a qual os respondentes teriam que optar pelas seguintes alternativas: me remete a um passado distante; me identifico e me reconheço como parte dessa memória; não consigo me reconhecer como parte dessa memória; e total desconhecimento.

Gráfico 6 – Relação de sentimento/identificação em relação ao centro histórico de Natal,RN

Fonte: pesquisa de campo (2022)

Essa foi considerada uma das questões principais do questionário, pois, com base nas respostas obtidas, foi possível perceber que a parcela do público que respondeu a pesquisa se identifica com esse espaço e possui sentimentos de pertença e identificação com esse ambiente, percebendo sua importância e protagonismo no que refere-se à própria história da cidade. As respostas até aqui constatadas são importantes, visto que demonstram que o centro histórico se apresenta de maneira singular e significativa para a população que teve acesso à pesquisa; no entanto, esse centro acaba por ser negligenciado por outros agentes que ajudam na produção do espaço.

Por fim, os respondentes relataram um pouco acerca da sua opinião sobre o centro histórico, suas experiências e aspirações em relação ao espaço. Aqui apresentamos algumas das respostas que achamos pertinente destacar.

Respondente A: *“Amaria saber mais, conhecer verdadeiramente. Acredito que se houvesse um programa e tivesse uma divulgação, um programa de domingo para todos. Eu iria com minha família”.*

Respondente B: *“É um espaço que eu gosto muito, sempre que vou, me sinto bem conectada com o local, no entanto, é preciso que haja mais atenção do poder público quanto a segurança e apropriação do lugar, visto que ainda não existe tantas*

atividades culturais que poderiam existir, ou se existem, as pessoas não sabem muito bem, pois há pouca divulgação.”

Respondente C: *“É preciso de divulgação, investimento, e mais atividades culturais ali para incentivar o conhecimento do local. Divulgação porque boa parte não tem uma placa de identificação, não sabe como entrar pra que serve etc. Investimento para o cuidado do local dá para perceber o descaso e atividades como um roteiro em guia turístico, atividades lúdicas pedagógicas como também seria necessário o curso de museologia na faculdade. São tantos problemas que não cabem em um cartaz”*

Respondente D: *“Conhecimento quase nulo, porém, após essa pesquisa, fiquei curioso de aprender mais sobre este espaço na nossa cidade!”*

Respondente E: *“Tenho muito pouco conhecimento acerca do centro histórico de natal, quando mais novo tive poucas oportunidades de conhecer e me aprofundar no passado histórico, e hoje em dia tenho pouco tempo pra ir atrás.”*

Respondente F: *“Merece ser preservado, divulgado, de forma que seja possível dar vida ao Centro tanto com atividades culturais como a destinação de novos serviços a antigos prédios. Precisa-se de um projeto que inclua os anseios dos moradores e frequentadores dos bairros.”*

Respondente G: *“Infelizmente possuo pouco conhecimento sobre o centro histórico de Natal, mas sempre que passo pela Cidade Alta/Ribeira e vejo os monumentos que formam a identidade da nossa cidade me sinto pertencente a Natal!”*

Analisando as falas anteriores e, com base no que foi exposto no decorrer desta seção, fica visível que a parcela do público que teve acesso a pesquisa, sabe da importância e se identifica com o centro histórico; em como os casarões antigos, as praças e os monumentos representam muito sobre a cidade de Natal. Ainda assim, levando em conta a opinião da população, o espaço é pouco divulgado, com pouco ou quase nenhuma estrutura, o que repele o público de frequentá-lo e acaba buscando outros pontos mais atrativos da cidade.

Portanto, fica evidente que é preciso criar novos usos para o centro histórico de Natal, sendo necessário dedicar um olhar mais atento e cuidadoso a esse espaço por parte do poder público, investindo e trazendo-o para mais próximo da população, pois, como constatado, a população anseia por um espaço cultural mais alegre e

convitativo, com possibilidades de manutenção e preservação da memória e da história de sua cidade.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir dos resultados obtidos durante a realização desta pesquisa, pôde-se compreender como o centro histórico da cidade de Natal, capital do estado do Rio Grande do Norte, é percebido pela população que mora e que frequenta esse espaço.

O presente trabalho monográfico teve como objetivo entender, em certo grau, sobre como funciona a relação da população com esse espaço. Destarte, nos foi possível concluir – com base nas respostas obtidas dos respondentes – que o centro histórico existe e está presente nas formas mais diversas no cotidiano e no imaginário dessa população, que sabe da importância que aquele lugar exerceu e ainda exerce para a cidade de Natal. No entanto, constatou-se que é imprescindível uma maior divulgação desse espaço, com atrativos, com atividades e propostas culturais que estimulem a população a utilizar e reutilizar um lugar tão significativo e importante para manter viva a memória da capital potiguar.

Por meio desta pesquisa foi possível constatar que apesar de todas as problemáticas existentes ao centro histórico de Natal, ainda sim a população enxerga esse espaço e observa potencial para que seja explorado cada vez mais de maneira positiva, bem como preservada, valorizada e inserida cada vez mais no dia a dia dos natalenses.

A situação atual desses espaços demanda cuidado e uma força-tarefa por parte dos órgãos que cuidam do patrimônio cultural em todos os âmbitos, principalmente estadual e municipal, a fim de repensar políticas que convirjam para a manutenção bem como a preservação desse lugar. As reformas que já estão ocorrendo no centro histórico são os primeiros passos para uma melhor preservação e resgate dessa importante história, pois ações como essas são força motriz para aproximar a população desses espaços, sendo capazes de gerar cada vez mais um sentimento de pertença e cuidado por esses ambientes memorialísticos da cidade.

Não obstante, esses espaços possuem uma localização privilegiada por estarem em uma zona central da cidade, contendo vias de fácil acesso e que, se estimuladas de maneira correta e proveitosa, podem continuar servindo para fluxos

comerciais e até mesmo turísticos, como forma de ampliar o campo de serviços disponíveis na cidade.

Muitas são as formas pelas quais se pode atuar em uma maior divulgação acerca do centro histórico; uma delas é por meio das atividades de sensibilização e disseminação da riqueza existentes nesses espaços que podem ser realizadas através das escolas ao inserir pequenos projetos que demonstrem aos alunos os espaços ali existentes e, com isso, trabalhar os conteúdos em sala de aula a ser trazidos e dialogados com sua realidade.

No mais, esse trabalho pode contribuir para estudos futuros na área da geografia e áreas afins, sobre o centro histórico de Natal, tendo como base a opinião da população, como ela se identifica e o que espera acerca desses espaços, ajudando na construção de ações e projetos que visem uma melhor expansão, conservação e preservação da memória e da história da cidade de Natal. Por meio da educação patrimonial isso pode ser possível, pois essa proposta educacional, difundida pelo IPHAN, visa uma melhor usabilidade e divulgação dos espaços históricos das cidades, por meio de atividades educacionais.

REFERÊNCIAS

AMARAL, Patrícia; COSTA, Andrea. **Centro Histórico De Natal**: Guia para turistas e moradores. Natal/RN: IFRN, 2016. 61 p. Disponível em: <https://memoria.ifrn.edu.br/bitstream/handle/1044/948/Centro%20hist%C3%B3rico%20de%20Natal%20%E2%80%93%20Ebook.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 26 ago. 2022.

ASSUNÇÃO, Gabriela. Patrimônio cultural potiguar: história, memória e narrativas do presente. **Urbana: Revista Eletrônica do Centro Interdisciplinar de Estudos sobre a Cidade**, [S.L.], v. 9, n. 3, p. 499-520, 14 jul. 2018. Universidade Estadual de Campinas. <http://dx.doi.org/10.20396/urbana.v9i3.8649547>. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/urbana/article/view/8649547>. Acesso em: 12 out. 2022.

BARBOSA, Matheus; SOARES, Lenin Campos. **Genealogia dos Bairros**: Santos Reis. 2022. Disponível em: <https://www.nataldasantigas.com.br/blog/historia-santos-reis-genealogia-dos-bairros>. Acesso em: 21 nov. 2022.

BRASIL. Constituição (1937). **Decreto de Lei nº 25, de 30 de novembro de 1937**. Rio de Janeiro, Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/uploads/legislacao/decretolei_25_30_de_novembro_de_1937.pdf. Acesso em: 22 nov. 2022.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **A Cidade**. São Paulo: Contexto, 1999.

_____, Ana Fani Alessandri. **O Lugar No/Do Mundo**. São Paulo/SP: FFLCH, 2007. 74 p. Disponível em: <https://www.fflch.usp.br/dg/gesp>. Acesso em: 03 abr. 2022.

CASCUDO, Luís da Câmara. **História Da Cidade De Natal**. Natal: IHG RN, 1999.

CLARO, Adrovando. **Cine Nordeste** – Para além de uma saudosa memória dos cinemas de rua. 2021. Disponível em: <https://www.gazetadenatal.com.br/noticia/1490/cine-nordeste-a-para-alm-de-uma-saudosa-memria-dos-cinemas-de-rua>. Acesso em: 12 dez. 2022.

CLAVAL, Paul. **A Geografia Cultural**. 3. ed. Florianópolis/SC: Editora da Ufsc, 2007. 453 p.

CORRÊA, Roberto Lobato. O espaço urbano: notas teórico-metodológicas. **Geosul**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 15, p. 01-06, 1993. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/geosul/article/view/12815>. Acesso em: 17 jul. 2022.

COSTA, Otávio. Memória e Paisagem: em busca do simbólico dos lugares. **Espaço & Cultura**, Rio de Janeiro/RJ, v. 24, n. 24, p. 01-183, 2008. Semestral. Disponível

em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/espacoecultura/article/view/6143/4415>. Acesso em: 14 jul. 2022.

DUARTE, Zeny. Restauração: conceito de verdade e originalidade. **Archeion**, João Pessoa, v. 2, n. 1, p. 5-22, jun. 2014. Semestral. Disponível em: <http://www.arquivistica.fci.unb.br/wp-content/uploads/taianacan-items/4423/5084/19794-Texto-do-artigo-37118-1-10-20140630.pdf>. Acesso em: 12 dez. 2022.

FERNANDES, José Alberto Rio. **Centro histórico e urbanismo**: questões, reflexões e inquietações, a propósito do porto. 2011. Disponível em: <https://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/56651>. Acesso em: 12 jul. 2021.

GODINHO, Emanuella da Silva Piani. **A Invenção Do Centro Histórico De Belém/PA**. 2019. 379 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Arquitetura, Universidade Federal do Pará, Belém/Pa, 2019. Disponível em: <http://repositorio.ufpa.br/jspui/handle/2011/2289>. Acesso em: 17 set. 2022.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Revista dos Tribunais Ltda, 1990. 133 p. Tradução de LAURENT LÉON SCHAFFTER. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/286087054_Maurice_Halbwachs_A_Memoria_Coletiva. Acesso em: 22 set. 2022.

IPHAN. **Implementação De Ações Em Áreas Urbanas Centrais E Cidades Históricas**. Brasília-DF: Iphan, 2013.

ITAJUBÁ, Ferreira. **Terra Natal**. Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Núcleo Câmara Cascudo de Estudos Norte-Rio-Grandenses. Disponível em: Museu Câmara Cascudo (ufrn.br). Acesso em 27 out. 2022.

KRIPKA, Rosana Maria Luvezute; SCHELLER, Morgana; BONOTTO, Danusa de Lara. Pesquisa Documental: considerações sobre conceitos e características na Pesquisa Qualitativa. **Atas CIAIQ2015**. v. 2: Atas – Investigação Qualitativa na Educação. Disponível em <https://proceedings.ciaiq.org/index.php/ciaiq2015/article/view/252/248>. Acesso em 20 dez. 2022.

LEFEBVRE, Henri. **La Producción Del Espacio**. Madrid: Capitán Swing, 1985. 456 p. Disponível em: <https://istoriamundial.files.wordpress.com/2016/06/henri-lefebvre-la-produccion-del-espacio.pdf>. Acesso em: 10 out. 2022.

MEDEIROS, Arilene L. de; LUNA, Isaac J. de. Memória e patrimônio: um estudo do centro histórico de Natal. In: **CONNPI - CONGRESSO NORTE NORDESTE DE PESQUISA E INOVAÇÃO**, 2012, Palmas, Tocantins. Anais [...] . Palmas-Tocantins: Ifto, 2012. p. 01-08. Disponível em: <file:///C:/Users/55849/AppData/Local/Temp/735-13091-1-PB.pdf>. Acesso em: 27 jun. 2022.

MENDES, António Rosa. **O Que É Patrimônio Cultural**. Olhão/Portugal: Gente Singular, 2012. 48 p. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/216319807.pdf>. Acesso em: 05 jul. 2022.

NATAL (Município). Lei nº 208, de 07 de março de 2022. **Lei Complementar N º 208 de 07 de Março de 2022**. NATAL , RN, Disponível em: https://www.natal.rn.gov.br/semut/legislacao/complementar/complementar208_2022.pdf. Acesso em: 20 dez. 2022.

NESI, Jeanne Fonseca Leite. **Caminhos de Natal**. Natal/RN: Iphan, 2020. 124 p. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/caminhos_de_natal.pdf. Acesso em: 07 out. 2022.

NORA, Pierre. **Entre Memória e História: A Problemática dos Lugares**. 1993. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/12101/8763>. Acesso em: 15 jul. 2021.

NORTE, Tribuna do. **Solar abriga grandes acervos**. 2017. Disponível em: <http://www.tribunadonorte.com.br/noticia/solar-abriga-grandes-acervos/385450>. Acesso em: 02 jan. 2023.

OLIVEIRA, Cláudio. **O Centro Histórico guarda a memória de Natal**. 2022. Disponível em: <http://www.tribunadonorte.com.br/noticia/centro-hista-rico-guarda-a-mema-ria-de-natal/554184>. Acesso em: 22 dez. 2022.

OLIVEIRA, Rafael Fabricio. **Patrimônio cultural, contribuição da teoria da Geografia a partir de Milton Santos**. *PatryTer*, [S.L.], v. 3, n. 6, p. 281-296, 1 set. 2020. Biblioteca Central da UNB. <http://dx.doi.org/10.26512/patryter.v3i6.32273>. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/patryter/article/view/32273>. Acesso em: 26 jul. 2021.

PAIVA, Lara. **Cinemas antigos do centro de Natal**. 2018. Disponível em: <https://brechando.com/2015/09/12/cinemas-antigos-do-centro-de-natal/>. Acesso em: 12 dez. 2022.

PAIVA, Lara. **Esta foi a casa da Rua Chile onde morou o poeta Ferreira Itajubá**. 2015. Disponível em: <https://brechando.com/2015/10/06/esta-foi-a-casa-da-rua-chile-onde-morou-o-poeta-ferreira-itajuba/>. Acesso em: 02 jan. 2023.

PEREIRA, Marielle Rodrigues. Porto Nacional: entre o lugar como referência cultural e as intervenções do espaço urbano. **Habitus**. Goiânia, v. 13, n.1, p. 63-88, jan./jun. 2015. Disponível em: <http://seer.pucgoias.edu.br/index.php/habitus/article/view/4243>. Acesso em: 04 jun. 2022.

SABINO, Anderson; SIMÕES, Robson. Geografia E Arqueologia: uma visão do conceito de rugosidades de Milton Santos. **Revista de Arqueologia Pública**, Campinas/SP, v. 8, p. 174-188, dez. 2013. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rap/article/view/8635705>. Acesso em: jun. 2022.

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço**: técnica e tempo, razão e emoção. 4. ed. São Paulo: Edusp, 2006. 260 p. Disponível em: <https://bibliodigital.unijui.edu.br:8443/xmlui/bitstream/handle/123456789/1799/A%20natureza%20do%20Espa%C3%A7o.pdf?sequence=1>. Acesso em: 15 jul. 2022.

SEBASTIÃO, Ana Sofia Camoesas. **Planejamento estratégico para o Centro Histórico de Torres Vedras**. 2010. Disponível em: <https://repositorio.ul.pt/handle/10451/3862>. Acesso em: 01 jul. 2021.

SILVA, João Roberto Ratis Tenório da. **Memória e Aprendizagem**: Construção de significados sobre o conceito de substância química. 2018. 212 f. Tese (Doutorado) - Curso de Psicologia, Ufpe - Universidade Federal de Pernambuco, Recife/Pe, 2018. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/30378>. Acesso em: 04 set. 2022.

TRINDADE, Sérgio. **O Alecrim e a Baixa da Égua**. 2021. Disponível em: <https://historianosdetalhes.com.br/historia-do-rn/o-alecrim-e-a-baixa-da-egua/>. Acesso em: 13 dez. 2022.

TUAN, Yi Fu. **Espaço e Lugar**: a perspectiva da experiência. São Paulo: Difel, 1983. 260 p. Disponível em: <https://fundacc.sp.gov.br/uploads/2021/04/Espaco-e-lugar-a-perspectiva-da-experiencia-YI-FU-TUAN.pdf>. Acesso em: 22 set. 2022.

TUAN, Yi Fu. **Topofilia**: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. Londrina/PR: Eduel, 2015. 342 p. Disponível em: <https://blogdageografia.com/wp-content/uploads/2021/04/topofilia-um-estudo-da-percepcao-atitudes-e-valores-do-meio-ambiente-yi-fu-tuan.pdf>. Acesso em: 23 jul. 2022.

UNESCO. **Convenção Para a Protecção do Património Mundial, Cultural E Natural**. 1972. Disponível em: <https://whc.unesco.org/archive/convention-pt.pdf>. Acesso em: 05 jul. 2021

ANEXO A – QUESTIONÁRIO APLICADO SOBRE O CENTRO HISTÓRICO

Questionário – Olá, sou estudante de Geografia e pesquisadora do Núcleo de Pesquisa e Estudos Geográficos (NUPEG), do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte – IFRN, do Campus Natal-Central. Estou desenvolvendo o Trabalho de Conclusão de Curso intitulado "Identidade e Memória: O olhar dos moradores e frequentadores frente ao Centro Histórico de Natal–RN". Por meio deste formulário, solicito a sua participação nesta pesquisa; as informações aqui obtidas serão utilizadas apenas para fins acadêmicos, assim, por motivos éticos e científicos, a identidade do entrevistado será resguardada. Desde já agradeço a contribuição!

1. Você autoriza o uso da sua resposta para fins da pesquisa deste grupo? () Sim () Não

PERFIL DOS RESPONDENTES

2. Naturalidade (marcar apenas uma opção):

- () Natal – RN
- () Outro município do RN
- () Outro estado

3. Gênero (marcar apenas uma opção):

- () Feminino
- () Masculino
- () Outro

4. Escolaridade (marcar apenas uma opção):

- () Ensino Fundamental
- () Ensino Médio
- () Ensino Superior
- () Pós-Graduação

5. Em qual faixa etária se enquadra?

- () Entre 15 - 20 Anos

- Entre 21 - 25 Anos
- Entre 26 - 30 Anos
- Entre 31 - 35 Anos
- Entre 36 - 40 Anos
- Entre 41 - 45 Anos
- Entre 46 - 50 Anos
- Entre 51 - 60 Anos
- Mais De 61 Anos

6. Bairro onde reside

- Alecrim
- Areia Preta
- Barro Vermelho
- Bom Pastor
- Candelária
- Capim Macio
- Cidade Alta
- Cidade da Esperança
- Cidade Nova
- Dix-Sept Rosado
- Felipe Camarão
- Guarapes
- Igapó
- Lagoa Azul
- Lagoa Nova
- Lagoa Seca
- Mãe Luiza
- Neópolis
- Nordeste
- Nossa Senhora da Apresentação
- Nossa Senhora de Nazaré
- Nova Descoberta
- Pajuçara
- Petrópolis

- Pitimbu
- Planalto
- Ponta Negra
- Potengi
- Praia Do Meio
- Quintas
- Redinha
- Ribeira
- Rocas
- Salinas
- Santos Reis
- Tirol
- Moro na Grande Natal

QUESTÕES DA PESQUISA

7. Você conhece o Centro Histórico de Natal?

- Sim
- Não
- Não tinha conhecimento da existência

8. Possui alguma relação com os bairros da Ribeira e Cidade Alta?

- Sim
- Não

9. Em caso afirmativo, esse vínculo se relaciona com qual das opções a seguir?
(marcar apenas uma opção)

- Trabalho
- Moradia
- Turismo
- Acadêmica
- Lazer
- Outro

10. Por qual bairro você mais transita? (marque todas as que se aplicam)

- Ribeira
- Cidade Alta
- Nenhuma das opções

11. Com qual frequência você transita por esse(s) bairro(s)? (marcar apenas uma opção)

- Um ou mais dias na semana
- Todos os dias da semana
- Uma vez ao mês
- Raramente
- Nunca

12. Você observa problemas em relação ao centro histórico de Natal? (marcar apenas uma opção)

- Sim
- Não

13. Se sim, quais problemas você identifica? Cite-os.

14. Você consegue identificar um ou mais monumento tombado do Centro Histórico?
Se sim, cite-os.

15. Em sua opinião, qual a importância de se preservar o patrimônio cultural da cidade?

16. Qual seu sentimento em relação ao Centro Histórico de Natal? (marcar apenas uma opção)

- Total desconhecimento
- Me remete a um passado que para mim não é de grande importância
- Não consigo me reconhecer como parte dessa memória
- Me identifico, me reconheço e tenho sentimento de pertencimento ao lugar

17. Se possível, nos conte um pouco sobre a sua opinião acerca do seu conhecimento sobre o Centro Histórico de Natal.
